

♦ Encontro Nacional no Rio de Janeiro

Agora nos conhecemos melhor

♦ PEA 60 anos

Com os olhos no futuro





PEA, 60 anos Novos tempos, novos desafios



Myriam Tricate

Coordenadora Nacional do Programa das Escolas Associadas da UNESCO

Há 60 anos, o mundo vivia o trauma da Segunda Guerra Mundial. Era o ano de 1953. A Europa estava destruída e a geopolítica se reorganizava em torno de duas potências militares – os Estados Unidos e a URSS. O planeta temia uma hecatombe atômica, ditaduras se espalhavam pelo planeta, a população crescia, e a fome também.

Esse era o cenário em que foi criado o Programa das Escolas Associadas à UNESCO, que partia do pressuposto de que, se a guerra estava implantada na mente dos seres humanos, é lá que devia ser combatida.

Não é preciso ser historiador para ver o quanto o mundo mudou, desde então, e como se renovaram os seus desafios, agora desdobrados em impasses ambientais, convivência multicultural, garantia de direitos.

Não é preciso ser educador para saber que, desde então, o papel da educação só fez crescer e se tornar mais complexo, levando a uma reconcepção do ensino e da escola.

Não é preciso ser uma associada ao PEA para ver como os princípios defendidos pela UNESCO se tornaram definitivamente essenciais para que a civilização humana tenha melhores perspectivas de futuro.

Por isso, como parte desta organização que preza tanto os anos internacionais e as datas comemorativas como marcos para a ação, precisamos também olhar para o PEA com a consciência do passado e a visão do futuro.

Como escolas associadas, temos obrigação de conhecer a evolução de nossa instituição e o modo pelo qual buscamos acompanhar os problemas de nosso tempo. Apenas assim teremos condições de entender e abraçar os desafios que se postam diante de nós.

É disso que trata mais esta edição da Revista do PEA, que deve ser lida como um convite à renovação do pacto que nos une: o de sermos embaixadores dos princípios da UNESCO, que serão uma bússola para navegar a história nascente do século XXI.

Índice

PEA, 60 anos Novos tempos, novos desafios.....	3	O conhecimento que liberta, por Josiane Rodrigues.....	30
19º Encontro Nacional: O PEA vai à Cidade Maravilhosa.....	5	Chama gaúcha.....	32
Um Encontro inesquecível como o Rio de Janeiro.....	8	O PEA a 4 cores.....	33
Educação inovadora.....	11	Alunos produzem biocombustíveis em laboratório.....	34
2014: a Paraíba nos espera.....	12	Nós somos catadores.....	35
Poemas do Mundo.....	13	Sinal verde para a cooperação.....	36
Calendário de 2014	14	Com o PEA estampado no peito.....	37
Água: uma formação de nível internacional.....	15	Luzes, câmera, cooperação.....	38
ASPnet lança Portal da sustentabilidade.....	18	Escolas mais que especiais.....	39
60 anos da história do PEA	20	Jovem empreendedor e cooperativo.....	40
O PEA e seus próximos desafios. Entrevista: Myriam Tricate.....	22	Terra, água e energia: preservar para não faltar	41
Depoimento: Vera Gissoni.....	24	Para fazer um bom projeto.....	42
A cultura da paz na escola, por Joe Garcia.....	28	Escola de escolas.....	44

PEA UNESCO

COORDENAÇÃO BRASIL

Myriam Tricate

Coordenação regional - Amazonas

Colégio Nilton Lins
Emmanuelle Lins

Coordenação regional - Ceará

Organização Educacional Farias Brito
Tales Montano de Sá Cavalcante

Coordenação regional - Goiás

E M Prof. Deushaydes R. de Oliveira
Erislene Martins da Silveira

Coordenação regional - Minas Gerais

Colégio Magnum Agostiniano
Eldo Pena Couto

Coordenação regional - Pará

CESEP - Centro de Serviços Educacionais do Pará
Édson Raymundo Pinheiro de Souza Franco

Coordenação regional - Paraná

Colégio OPET
Adriana Karam Koleski

Coordenação regional - Rio de Janeiro

Creche Escola Criança e Cia
Maria Cecília Ani Cury

Coordenação regional - Rio Grande do Sul

Colégio Santa Catarina
Irmã Claudia Chesini

Coordenação regional - São Paulo

Colégio Guilherme Dumont Villares
Eliana Baptista Pereira Aun

Coordenação regional - Santa Catarina

Centro Educacional Menino Jesus
Irmã Marli Catarina Schlindwein

Coordenação regional - Sergipe

Univ. Tiradentes - Unit
Jouberto Uchôa de Mendonça

Coordenação regional - Paraíba

Colégio Motiva
Carlos Barbosa

UNESCO

REPRESENTANTE DA UNESCO NO BRASIL

Lucien Muñoz

COORDENADORA DE EDUCAÇÃO DA UNESCO NO BRASIL

Maria Rebeca Otero Gomes

ASSISTENTE DA COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO

Andreza Trentino

Edição e Textos

Paulo de Camargo
Roberta Ibañez

Produção Gráfica

Fernando Neves de Andrade

Fotos

Cedidas pelas escolas associadas do PEA

Cartas devem ser enviadas para:

Rua Duque Costa, 164
Jardim Marajoara - São Paulo - SP
CEP 04671-160 - Brasil

www.peaunesco.org.br

O PEA vai à Cidade Maravilhosa

Façam as malas: o destino do PEA em 2013 está traçado! Vamos para a Cidade Maravilhosa. O Rio de Janeiro receberá, nos dias 2, 3 e 4 de outubro, o 19º Encontro Nacional do Programa das Escolas Associadas da UNESCO (PEA-UNESCO).

É um evento único por muitas razões, que fazem por merecer o máximo empenho de todas as escolas associadas em participar.

O Encontro Nacional se encaixa no contexto da celebração dos 60 anos do Programa das Escolas Associadas em todo o mundo. Em muitos países, acontecem celebrações especiais, e no Brasil não será diferente.

Como sempre, há muito critério na organização das atividades. Desta vez, além de palestrantes muito qualificados e temas que devem estar na pauta de todas as escolas, estamos também intensificando as oportunidades de trocas entre os educadores e de vivências.

Pela primeira vez, a escola-anfitriã será uma escola pública. E que escola: o Encontro acontecerá inteiramente nas dependências do Colégio Pedro II, a mais antiga instituição de ensino brasileira e até hoje um modelo

de educação pública. Estar no Pedro II já é um atrativo especial, que deve motivar a participação cada vez maior das escolas associadas municipais e estaduais. A abertura oficial acontecerá no campi de São Cristóvão, bem como todas as palestras.

Por fim, é claro, o Encontro Nacional dará aos congressistas uma excelente oportunidade para viver o próprio Rio de Janeiro, que vive um momento de grande transformação, do ponto de vista do urbanismo, da revitalização de áreas históricas, da requalificação de lugares públicos. Enfim, o Rio de Janeiro continua lindo!

Por tudo isso, a Coordenação Nacional espera que todos se planejem e estejam presentes. O evento está marcado para outubro justamente para permitir que as escolas tenham como se agendar e reservar espaço no calendário.

Será um Encontro Nacional inesquecível até pelo menos... o ano que vem!



Dia 2 de outubro (quarta-feira)

Local: Auditório do Colégio Pedro II

Hino Nacional

Coral 1000 vozes - apresentação de grupo vocal

Conferencista

Ilona Becskeházy, com o tema
A qualidade de ensino e o papel de gestor.

Mestranda em Educação pela PUC-RJ, foi diretora da Fundação Lemann. É pós-graduada em Finanças pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo e com cursos de especialização em Administração para organizações sem fins lucrativos pela Harvard Business School. Mantém, na rádio CBN, a coluna Missão Aluno.

Dia 3 de outubro (quinta-feira)

Local: Auditório do Colégio Pedro II

9h30 – 10h30

Cultura de paz: do que estamos mesmo falando?

Palestrante: Joe Garcia

10h30 – 11h

Coffee-break

11h – 12h30

Tecnologia rima com cidadania: criando um ambiente propício para a diversidade cultural em sala de aula

Palestrante: João Mattar

Matemático, mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná e doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professor adjunto da Universidade Tuiuti do Paraná, onde atua no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação.

Doutor em Letras pela USP e pós-doutor pela Stanford University. É autor de *ABC da EaD: a educação a distância hoje* e *Games em Educação: como os nativos digitais aprendem*. É professor, pesquisador e orientador de Doutorado no TIDD Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC-SP), na linha de pesquisa Aprendizagem e Semiótica Cognitiva.

Almoço (livre)

14h

Visita a um dos três locais previamente escolhidos pelos congressistas:

- Unidade Realengo - Colégio Pedro II
- Escola SESC de Ensino Médio
- Projeto Gente - Comunidade da Rocinha

Noite livre

Dia 4 de outubro (sexta-feira)

Local: Auditório do Colégio Pedro II

9h30 – 11h

Neurociências e educação: um encontro necessário

Palestrante: Telma Pantano

Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo (2005), master em Neurociências pela Universidade de Barcelona (Espanha) e pós-doutora em Psiquiatria pelo Hospital das Clínicas da USP.

11h – 12h30

Zona de fronteira: educadores e cientistas em diálogo

Mesa-redonda

Elvira Souza Lima, Telma Pantano, Edson Amaro

Elvira Souza Lima é pesquisadora em Desenvolvimento Humano, com formação em Neurociências, Psicologia, Antropologia e Música. Trabalha com pesquisa aplicada às áreas de educação, mídia e cultura.

Almoço

14h – 16h

Vivências e experiências: apresentação das escolas:

- Colégio Pitágoras (MG)
- Colégio Padre Eustáquio (MG)
- Colégio Albert Sabin (SP)
- Colégio Antares (CE)
- Escola Roxana Pereira Bonessi (AM)

Edson Amaro é neuroradiologista e coordenador do Instituto do Cérebro do IIEP – Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa.

16h – 16h30

Coffee-break

16h30

Mensagem de encerramento:

Myriam Tricate – Coordenadora Nacional do PEA

20h

Jantar de confraternização
Clube da Aeronáutica do Rio de Janeiro
(Oferecido pela Coordenação)



Um Encontro inesquecível como o Rio de Janeiro

Qualidade de ensino, a compreensão do significado contemporâneo da cultura de paz, o uso da tecnologia em projetos multiculturais, a zona de fronteira representada pelas neurociências aplicadas à educação – o XIX Encontro do PEA da UNESCO reuniu um time de peso para abordar questões atuais e relevantes para as escolas associadas no Brasil.

Como uma marca que tem caracterizado o Encontro, o evento buscará a medida certa entre teoria, proposta de ação, trocas pedagógicas e vivências.

A conferência de abertura, na noite do dia 2 de outubro, ficará por conta da pesquisadora Ilona Becskeházy, mestranda pela PUC-RJ e comentarista da CBN, que falará sobre o desafio que une escolas públicas e particulares no Brasil.

No dia seguinte, as atividades serão abertas pelo palestrante Joe Garcia, da Universidade Tuiuti, que aborda a questão da cultura de paz – mostrando quais são os desafios para que as escolas saiam da reflexão e transformem a prática educativa.

3 perguntas para João Mattar

É preciso valorizar a experiência do aluno, conhecer o ambiente em que ele vive. Restringir o acesso aos dispositivos móveis (smartphones, tablets) trazidos pelos alunos não é antipedagógico no mundo de hoje?

Não! São duas coisas distintas. Uma coisa é a escola, a disciplina ou o professor ter um projeto pedagógico para utilizar esses dispositivos em sala de aula. Isso não é fácil, exige formação dos professores, discussões, planejamento etc. Outra coisa é simplesmente deixar os alunos acessarem – isso, por si só, não tem nada de pedagógico. Penso que se o professor não sabe o que fazer com esses dispositivos, a proibição pode ser uma decisão correta, porque assim ele tenta focar nas atividades que está propondo em sala de aula.

As redes sociais e a internet vêm criando condições para o que se chama de uma cidadania planetária. O senhor acredita que a tecnologia pode ser um recurso importante para que a escola seja mais multicultural?

Sem dúvida, pode, mas há também o risco contrário: a disneyficação da educação – uma educação dominada pela cultura norte-americana (como é a Internet), por Big Macs,



pela língua inglesa. É um desafio manter um equilíbrio entre essa cultura planetária (naturalmente dominada pela cultura de língua inglesa) e os costumes locais. Há diversas teorias e cases que podem orientar o professor no uso de redes sociais e ferramentas da Web 2.0 em educação. Facebook e YouTube, por exemplo, são plataformas que podem ser usadas com muito sucesso em educação. Mas, assim como no caso dos dispositivos móveis, seu uso exige planejamento pedagógico.

Como os professores podem mudar de atitude diante da tecnologia? É preciso mais tempo?

Não podemos esperar, não temos tempo. Mas, além disso, um usuário de tecnologia, um nativo digital, não é automaticamente um professor digital, ou seja, ele não cresce sabendo usar a tecnologia para o estudo, muito menos para o ensino. Então, é preciso formar professores com um tripé: reflexão pedagógica, mão na massa (usando as ferramentas) e estudo de cases (colegas que estão experimentando nos campos que nos interessam). Com esse tripé, é possível formar adequadamente gerações de professores para o uso de tecnologia no ensino.

Em seguida, é a vez do pesquisador João Mattar promover um encontro aparentemente inusitado: a tecnologia e a diversidade cultural. Mattar mostrará, em seu trabalho, como os recursos tecnológicos podem ser aliados do professor para o desenvolvimento da tolerância, do trabalho em equipe e da cooperação.

Após o almoço, uma pausa das reflexões: é hora de conhecer de perto propostas pedagógicas bem-sucedidas. Os congressistas vão se dividir para visitar um projeto inovador da rede pública carioca, o Gente, na comunidade da Rocinha; a Escola SESC de Ensino Médio, a única escola residência do Brasil, ou a nova unidade do Colégio Pedro II, chamada Realengo. Para isso, os congressistas deverão escolher previamente a sua opção pelo site do PEA.

Neurociências

O último dia do Encontro Nacional do PEA será igualmente intenso. Estará em pauta uma das grandes

novidades da educação contemporânea: o encontro entre a neurociência e a pedagogia, ou seja, como o conhecimento do cérebro pode revelar novos caminhos para a aprendizagem.

Para discutir esse tema complexo, um time de peso. Depois da exposição inicial a ser conduzida pela pesquisadora Telma Pantano, do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, uma mesa-redonda faz a aproximação entre o mundo científico e a pedagogia. Para isso, entram em cena a conhecida autora Elvira Lima e o médico Edson Amaro, do Hospital Albert Einstein.

Mas, calma, embora o tema seja o cérebro, ninguém vai fundir a cuca: os palestrantes farão uma abordagem compreensível para os educadores presentes e buscarão, a todo o tempo, construir pontes acessíveis entre as áreas para mostrar como o cérebro aprende.

Afinal, como aprendemos?

O que quer um cérebro, aprender? Nada disso: nosso aparato mental trabalha sobretudo para sobreviver. Essa é uma das primeiras lições que as neurociências trazem para os educadores: o cérebro precisa sentir necessidade de aprender, e por isso a motivação é fundamental. Mas há diversas outras questões instigantes: a importância da memória, o papel da afetividade, o processo de atenção... há um enorme campo de interseção entre as neurociências e a pedagogia.

Trata-se de um processo muito recente, que vem sendo impulsionado pelas possibilidades de investigar o cérebro em ação, por meio de recursos de imagem (como as ressonâncias magnéticas, entre outros).

Não se trata de encontrar receitas ou atalhos, mas entender melhor como a criança e o adolescente constro-



em seu conhecimento. A neurociência confirma, por exemplo, algo essencial da pedagogia contemporânea – os conhecimentos prévios. “Ninguém aprende nada novo; se é inédito, memorizamos. Para aprender, precisamos ligar com o que sabíamos”, explica a pesquisadora Telma Pantano.

Muitas das descobertas das ciências colocam em xeque também procedimentos comuns da escola, como aulas pouco participativas. Se a aprendizagem necessita de motivação e parte dos conhecimentos prévios, a participação ativa do aluno é fundamental. “Contudo, cada vez que o aluno entra em sala de aula e o obrigamos a parar de falar, forçamos sua entrada no modo memória”, diz Telma.

Quer aprender mais? Então, não perca esse debate!

Vivências e experiências

À tarde, é a hora das vivências e experiências, um dos momentos de troca preferidos dos congressistas. Nesse momento, escolas públicas e particulares do PEA apresentam projetos e iniciativas exemplares, que podem ser replicados pelas demais escolas ou inspirar novas ações. É o caso da Mostra de Cinema de autoria dos alunos a partir do tema do cooperativismo, a ser apresentada pelo Colégio Pitágoras; das experiências científicas para a produção de biocombustíveis, no Ensino Médio, realizadas pelo Colégio Albert Sabin; do Clube UNESCO, do Colégio Antares, e dos projetos do Colégio Padre Eustáquio.

As escolas públicas também trarão suas melhores experiências para dividir com a rede. É o caso da instituição pública amazonense Roxana Pereira Bonessi, que vem ganhando seguidos prêmios pelos resultados obtidos – especialmente quando se leva em conta que a escola trabalha com populações socialmente vulneráveis.

Por fim, esse grande encontro de ideias e pessoas será fechado com chave de ouro no tradicional jantar de confraternização que marca o Encontro Nacional do PEA (veja box). Trata-se de um programa digno dos 60 anos do PEA, que nenhuma escola associada vai querer perder.

MOMENTOS CULTURAIS

Como todos os encontros nacionais, a arte e a cultura estarão muito bem representadas no Rio de Janeiro. A começar do momento da abertura, que terá um conjunto de 100 cantores do célebre coral de 1000 vozes do Rio de Janeiro, para a execução do Hino Nacional.

Além disso, outras apresentações foram preparadas. O Colégio Pedro II tem um trabalho diferenciado de música, que também vai dar um toque especial ao evento – assim como acontecerá nas apresentações previstas para a Escola SESC. Mas isso será surpresa!

Jantar no Clube da Aeronáutica

Um lugar com vista paradisíaca, que recorda os melhores tempos do Rio de Janeiro: assim é o Clube da Aeronáutica, onde acontecerá o Jantar de Confraternização do PEA, no dia 4 de outubro. Nesse dia, todos os congressistas são convidados da Coordenação Nacional para celebrar a missão que todos escolheram: educar segundo os princípios humanistas da UNESCO.



Educação inovadora

Além das atividades desenvolvidas no Colégio Pedro II, as escolas do PEA terão a oportunidade de fazer três visitas muito especiais, dividindo-se em grupos conforme a opção de cada um.

Na tarde da quinta-feira, a partir das 14h, os congressistas poderão escolher entre visitar um projeto inovador, denominado Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais (Projeto GENTE); a Escola SESC, a única escola residência do país, ou a Unidade Realengo do Colégio Pedro II.

O Projeto GENTE representa um projeto experimental da rede pública carioca. Realizado em parceria com empresas, fundações e institutos sociais, o GENTE é um novo conceito de escola, que se apropria de novas tecnologias educacionais e coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem, e surge como o protótipo das escolas do futuro da Rede Municipal. A unidade piloto do projeto funciona na Escola Municipal André Urani, na Rocinha, com capacidade inicial para atender 180 alunos do 7º ao 9º anos.

A proposta é mudar o conteúdo, o método e a gestão: não há turmas, anos ou salas de aula. Tablets e smartphones fazem parte do material escolar dos



Projeto GENTE, da Secretaria da Educação do Rio

alunos e docentes. O conteúdo, as habilidades e as competências são desenvolvidos nas aulas digitais da Educopédia, plataforma que inclui material de suporte para professores, como sequências didáticas com jogos digitais, vídeos e testes.

Para quem possui outros interesses, haverá a oportunidade de visitar a Escola SESC de Ensino Médio. Trata-se de uma instituição de alunos na qual moram, no mesmo campus, alunos, professores, diretores e outros profissionais da Educação.

Com 500 alunos vindos de todas as partes do país, a Escola SESC de Ensino Médio possui um projeto pedagógico diferenciado, com uma forte base acadêmica, mas um vasto repertório de cursos eletivos, propostos pelos próprios alunos. Com isso, a escola apresenta ótimos resultados no ENEM (está entre as primeiras do país), mas também uma vida cultural e artística intensa.

Evidentemente, os projetos que serão conhecidos pelos educadores do PEA não são propostas a serem imitadas, até porque vivem seus próprios desafios. Mas compartilhar experiências educativas inovadoras é um dos pressupostos que movem as escolas associadas, e esta será uma chance de ouro.



Escola SESC de Ensino Médio



Unidade Realengo, do Pedro II: as opções dos congressistas



2014: a Paraíba nos espera

O Programa das Escolas Associadas à UNESCO continua percorrendo o Brasil. Em 2014, vai a um Estado conhecido por sua natureza deslumbrante, por sua história política, pela hospitalidade do seu povo: João Pessoa, na Paraíba, é o próximo destino do PEA. Lá, as escolas associadas serão recebidas pelo Colégio Motiva, cujo diretor, Carlos Barbosa, assume agora também como o coordenador regional para o Estado.

Escola participante, ativa e presente, desde que entrou como candidata na rede PEA, o Motiva fez por merecer o convite para ser anfitrião. É, certamente, uma das mais ativas escolas da rede, e desenvolve inúmeros projetos ao longo do ano. Recentemente, por exemplo, os alunos do Colégio vêm empenhando-se no projeto de criação de uma biblioteca em uma entidade assistencial.

A função da escola-anfitriã é essencial. Entre outros papéis, o anfitrião é o ponto de referência da organização do evento para a escolha dos locais de palestras, de hospedagem e de todos os milhares de

providências que um grande evento requer. Nos últimos anos, a participação ativa das escolas-anfitriãs tem viabilizado encontros memoráveis – e certamente será assim de novo.

Entre outros atrativos, a jornada do PEA na Paraíba promete muitos atrativos. O Estado tem peculiaridades que atendem a todos os interesses: trata-se do ponto mais oriental do Brasil, por exemplo. Ao mesmo tempo, o interior do Estado guarda tesouros naturais como pinturas rupestres e parques que abrigam ossadas intactas de dinossauros.

Além disso, a capital se orgulha de ser uma das mais verdes do mundo, com imensos parques, ruas arborizadas e um clima pacato e convidativo.

Agora, o diretor Carlos Barbosa aguarda o momento com expectativa. “Contem com todo o nosso melhor empenho, a fim de que este evento seja realizado, no mínimo, com o mesmo padrão de qualidade das edições anteriores”.

Novas escolas certificadas

O PEA terá novas escolas associadas em 2014: a Coordenação Internacional, em Paris, autorizou a inclusão de instituições de ensino, que vinham aguardando sua vez como associadas.

Na lista, voltam a ser contempladas escolas que anteriormente haviam sido descredenciadas, mas que reafirmaram seu interesse e mostraram empenho para participar do programa.

Outras acompanham há bastante tempo as atividades do PEA, na condição de escolas candidatas.

Vale notar que as novas associadas são escolas muito representativas e certamente têm muito a contribuir com o programa. Que sejam bem-vindas!

Veja a relação das escolas que serão certificadas no Encontro Nacional do Rio de Janeiro:

- Colégio de Aplicação Dom Hélder Câmara
- Colégio Franco Brasileiro

- Colégio São Vicente de Paulo
- Colégio Nossa Senhora da Pena
- Instituto Menino Jesus
- Colégio Maria Auxiliadora
- Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Ruth Raymundo
- CAIC Nossa Senhora dos Prazeres
- Centro Educacional Pequenos
- Certus – Colégio Regular e Técnico
- Instituto Educacional Guimarães Rosa
- Colégio Integral Bragança Paulista
- Colégio Poliedro
- Escola Italiana Eugenio Montale
- Pueri Domus Escola Experimental – Unidade Itaim
- Pueri Domus Escola Experimental – Unidade Aldeia da Serra
- Pueri Domus Escola Experimental – Unidade Aruã
- Sistema de Ensino Rio Claro (Colégio Objetivo)

Poemas do Mundo

Participar de projetos que envolvam escolas de diversos países é uma oportunidade a que as escolas integrantes da rede PEA-UNESCO têm acesso anualmente. Pois, em 2013, ano dos 60 anos do PEA, alunos e professores de muitas escolas associadas abraçaram uma proposta empolgante: apresentar um poema em vídeo, traduzido para a linguagem de sinais.

O projeto “Descobrimos a rede PEA-UNESCO mediante Poemas do Mundo” foi proposto pelo PEA espanhol, com a proposta de apresentar uma coleção de poemas de todo o mundo para destacar os valores comuns das escolas da rede.

Partindo de um dos temas propostos: Desafios globais e o papel do Sistema das Nações Unidas, Educação para o Desenvolvimento Sustentável, Educação para a Paz e os Direitos Humanos e Aprendizagem Intercultural, as escolas participantes escolheram poemas de autores consagrados ou de autoria própria, que eram recitados e apresentados em linguagem universal de sinais.

Gravados em vídeo e enviados para o site do concurso internacional, este projeto desmistificou a ideia que os jovens desta geração não gostam de poesia. Com a participação de diversos alunos e educadores, todos envolvidos em pesquisas sobre uma das mais poderosas e simbólicas manifestações artísticas, os poemas apresentados por diversas escolas do Brasil deixaram claro o envolvimento e empenho dos alunos.

Alunos com idades entre 5 e 13 anos da Escola Estadual Dom Velloso, de Ouro Preto, apresentaram o poema “Barroco-ouro”, de autoria do professor Anderson de Moura Freitas. Representando o tema “Desafios globais e o papel do Sistema das Nações Unidas”, o poema procura contextualizar a questão da água (das chuvas) e a preservação e renovação do patrimônio histórico de Ouro Preto.



“O Bicho”, de Manuel Bandeira foi o poema escolhido para ser apresentado por alunos do 9º ano do Colégio Magno de São Paulo, representando o tema Educação para a Paz e os Direitos Humanos.

O Colégio Padre Eustáquio, de Belo Horizonte, enviou dois poemas: “Alegria”, apresentado por alunos do 1º ano do Fundamental e “Todo o Mundo”, por alunos do 5º ano.

O poema “Paz”, construído coletivamente por alunos de 1º a 5º ano, foi apresentado pelo Colégio Jardim França, de São Paulo, sobre o tema Educação para a Paz e os Direitos Humanos.

Com o mesmo tema e o poema “Direitos Humanos”, de autoria da aluna Victória Caroline Silva do Nascimento, de 15 anos, o Colégio Presbiteriano Mackenzie enviou sua contribuição, denunciando a intolerância, assim como o poema “Em busca de um mundo melhor”, da aluna Beatriz R. Perrone da Escola Terra Matre, de São Bernardo do Campo.

Quatro poemas brasileiros foram escolhidos para ilustrar a página internacional do projeto, no endereço <http://worldpoems.org/> (mas todos estão disponíveis no site <https://sites.google.com/site/poemaslusofonia/home>).



Calendário de 2014

Preparar a escola para o ano seguinte, determinando o calendário, planejando as atividades, os projetos e relacionando os temas a serem desenvolvidos é uma tarefa que se inicia bem antes do final do ano vigente e envolve toda a equipe. É hora de arregaçar as mangas e conciliar o fechamento de um ano, já pensando no próximo.

O primeiro passo para uma escola associada é alinhar os temas propostos nos anos internacionais ao projeto pedagógico, considerando a realidade que está inserida e as propostas já previstas.

Ano Internacional da Cristalografia

A cristalografia consiste na ciência que estuda a disposição interatômica da matéria sólida, as suas causas, a sua natureza e as suas consequências.

O estudo da cristalografia e sua aplicação são fundamentais para enfrentar desafios como doenças e problemas ambientais, já que determinam as estruturas proteicas e de pequenas moléculas, utilizadas na concepção de medicamentos essenciais para a medicina e saúde pública, assim como soluções para a contaminação das plantas e do solo.

Os efeitos da cristalografia se fazem perceber em todos os aspectos da vida cotidiana, na concepção de medicamentos modernos, na nanotecnologia e na biotecnologia. A cristalografia sustenta a criação de todos os materiais novos, desde pasta de dente até componentes de avião. Seu estudo é tão importante que já foram concedidos 23 prêmios Nobel a esta disciplina.

Devido ao centenário do início da cristalografia moderna e de seu reconhecimento como instrumento mais poderoso na determinação estrutural da matéria, a UNESCO propõe promover ações em todos os níveis, destinadas a aumentar a consciência sobre a impor-

tância da cristalografia promovendo o acesso a novos conhecimentos e atividades relacionadas.

Ano Internacional da Agricultura Familiar

A declaração feita pela ONU considera o papel fundamental que esse sistema agropecuário sustentável desempenha para o alcance da segurança alimentar no planeta, em uma época de crescimento populacional, alta dos preços dos alimentos e preocupação com a fome mundial.

A agricultura familiar é hoje responsável por 70% dos alimentos consumidos pelos brasileiros. São fornecidos pela agricultura familiar os principais alimentos consumidos pela população brasileira: 87% da produção nacional de mandioca, 70% da produção de feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz, 58% do leite, além de possuir 59% do plantel de suínos, 50% do plantel de aves, 30% dos bovinos, e produzir 21% do trigo.

Reconhecer a importância e incentivar o desenvolvimento desse sistema é fundamental para a sustentabilidade do planeta.



VALE LEMBRAR AINDA:

2013-2022

Década Internacional para a Aproximação das Culturas

2011-2020

Década das Nações Unidas para a Biodiversidade

2010-2020

Década das Nações Unidas para os Desertos e Luta contra a Desertificação

2005-2015

Década Internacional para a Ação “Água para a Vida”

2005-2014

Década das Nações Unidas para a Educação para o Desenvolvimento Sustentável

2005-2015

Segunda década Internacional para a População Indígena Mundial

Água: uma formação de nível internacional



Imagine pintar nos mínimos detalhes um pote de cerâmica. Torná-lo uma obra de arte sua. Cuidar, comparar, planejar. E, de repente, ser “convidado” a espatifá-lo no chão, para depois recolher os cacos e recomençar lentamente sua recomposição.

Ou pense em montar um empreendimento, às margens de um rio, feliz com suas ideias, e de repente ver chegando, correnteza abaixo, lixo e outros detritos que inviabilizam o seu trabalho.

Assim, em três dias, cerca de 30 educadores das escolas associadas viveram dinâmicas que nunca tinham imaginado, em uma das mais completas formações já realizadas no âmbito do Programa das Escolas Associadas do Brasil.

Tudo começou no último Encontro Nacional, em Novo Hamburgo, quando os congressistas tomaram contato com a obra *Água e Educação*, publicada pela UNESCO em parceria com a ONG internacional Wet Water Education for Teachers. Empolgada com as possibilidades do uso do material, a Coordenação Nacional solicitou seu uso, que foi condicionado a uma capacitação prévia.

Então, o PEA brasileiro viabilizou todo o trabalho, investindo na realização da formação continuada, inclusive trazendo do México uma grande especialista, Rita Vázquez Del Mercado. Todo o esforço valeu a pena.





O trabalho realizado por Rita Vázquez superou todas as expectativas. Dezenas de dinâmicas foram realizadas, em três dias muito intensos, que começaram com uma palestra de um geógrafo brasileiro sobre as características das bacias hidrográficas brasileiras e depois se desdobrou em diferentes propostas educativas.

O sucesso foi tamanho que o PEA brasileiro ganhou uma possibilidade exclusiva, raramente aberta pela ONG, que é a detentora dos direitos desse material: todos os que passaram pelo curso passaram a ter o direito de multiplicar os conhecimentos, como facilitadores, desde que complementassem virtualmente a formação, com o uso de apostilas específicas.



O Colégio Magno sediou o encontro. Inscreveram-se escolas de diferentes Estados, de diversas regiões do País. Foram 18 horas muito intensas que marcaram não só os diretores das escolas presentes, mas a própria especialista Rita, que ficou entusiasmada com o envolvimento demonstrado por todos os presentes.

As multiplicações – compromisso assumido pelos participantes – já começaram, e levaram a uma outra conquista do PEA. A UNESCO disponibilizou 100 exemplares da obra *Água e Educação* para que os facilitadores pudessem ampliar o trabalho, levando-os a escolas públicas e outras comunidades.



ÁGUA E EDUCAÇÃO NO PEA BRASIL!

Rita Vázquez del Mercado

“Em maio passado, realizou-se no Colégio Magno, em São Paulo, o primeiro encontro do programa Água e Educação para as Américas e o Caribe, dirigido a professores da rede de escolas associadas da UNESCO. Assistiram ao encontro 27 entusiastas docentes de diferentes escolas e regiões do Brasil – em sua maioria, classificaram o encontro como excelente!

Embora tenha se dado em espanhol, os professores demonstraram um grande interesse e motivação durante todo o evento, além de um profundo compromisso pela educação ambiental e hídrica, como se pode ver pelos comentários da avaliação da oficina:

“Foi supreendente. Deveria durar uma semana!”, “Práticas de entendimento fácil e fácil aplicação”, “Novas estratégias para a mediação docente. Muito criativas e inteligentes”, “Informação excelente para ampliar nossos conhecimentos e para novos projetos científicos”, “Mudança de atitudes frente aos problemas”, escreveram os professores.

O Programa Hidrológico Internacional (PHI) da UNESCO e a Fundação do Projeto WET (Water Education for Teachers) desenvolvem conjuntamente o Programa Água e Educação para as Américas e o Caribe, dirigido a educadores formais e não formais da América Latina e Caribe.

O Programa Hidrológico Internacional é o programa intergovernamental de cooperação científica da UNESCO relativo à investigação, gestão e formação de capacidades em recursos hídricos. É um instrumento que permite aos Estados membros ampliar seu conhecimento do ciclo hidrológico, assim como incrementar sua capacidade de administrar e explorar seus recursos hídricos.



A educação, formação e criação de capacidades é um dos objetivos estratégicos do Programa, já que representa uma dimensão chave para propiciar mudanças de comportamento e promover uma sociedade mais sustentável.

A Fundação do Projeto WET (Educação para professores em matéria de Água, por suas siglas em inglês) é uma organização não governamental com 25 anos de experiência em desenvolvimento de programas de educação hídrica. Sua missão é formar crianças, pais, educadores e comunidades de todo o mundo, facilitando e promovendo a conscientização, o apreço, o conhecimento e a boa administração e cuidados dos recursos hídricos.

O programa UNESCO-PHI, Projeto Wet Agua e Educação não tem fins lucrativos. Para conhecer mais, visite www.unesco.org.uy/phi/aguayeduacion e www.projectwet.org.

ASPnet lança Portal da Sustentabilidade

Entre os temas da UNESCO, poucos são tão urgentes e definitivos para o futuro do planeta como a sustentabilidade. Para apoiar as escolas, disseminar informações e oferecer recursos de trabalho pedagógico, a coordenação internacional das escolas associadas acaba de colocar no ar um portal totalmente dedicado ao tema.

O Portal da Sustentabilidade, como já vem sendo chamado, é uma plataforma colaborativa, construída a partir dos relatos e projetos das escolas associadas. Oferece tópicos para discussões entre escolas de diversos países acerca da biodiversidade, mudanças climáticas, água, agricultura, alimentação, saúde e cultura, entre outros.

Buscando promover o desenvolvimento sustentável e a conservação do meio ambiente e biodiversidade, o portal dispõe de entrevistas, notícias e informações importantes, que podem ser acessadas por toda a comunidade escolar, incluindo os alunos. O novo ambiente reúne experiências que merecem ser vistas e reproduzidas.

O desenvolvimento do ambiente virtual incluiu estudos e grupos de discussões com representantes de muitos países do mundo, entre eles o Brasil, ao longo do ano passado. Nas reuniões, além de propor discussões, houve espaço para cada país oferecer



contribuições e indicar experiências replicáveis de educação para a sustentabilidade.

Para fazer parte desta comunidade, basta acessar o site <https://en.unesco.org/aspnet/> e se cadastrar, tornando-se um membro participativo do Portal da Sustentabilidade.

PEA ESTIMULA TROCA DE EXPERIÊNCIAS

Ao se tornar uma Escola Associada UNESCO, cada instituição se compromete a desenvolver projetos inovadores, que promovam a educação no âmbito social e cultural, sendo considerada, a partir de então, um centro de inovações, responsável por disseminar os ideais e princípios defendidos pela UNESCO em sua comunidade. Por isso, socializar essas experiências também é um compromisso importante das escolas – daí os relatórios e meios de comunicação, como nossa Revista e o website.

Para facilitar esta troca de experiências, materiais e in-

formações, foi criada uma plataforma, com suporte da “Japanese Funds-in-Trust”, onde cada escola pode descrever suas iniciativas, sensibilizando assim outros membros da rede e promovendo a tomada de ações concretas: <http://www.unesco.org/new/en/education/networks/global-networks/aspnet>

Esta plataforma também reúne documentos que compilam propostas bem-sucedidas como “First Collection of Good Practices for Quality Education”, de 2008 e “Second Collection of Good Practices Education for Sustainable Development”, publicado em 2009.

Conhecer site do PEA é dever da escola associada

O Portal da Sustentabilidade é um entre os muitos recursos virtuais disponibilizados pela rede das escolas. Até porque um dos alicerces de um programa tão extenso é a comunicação pelos meios tecnológicos – e por isso o PEA internacional se denomina ASPnet. Conhecer todos os recursos disponíveis no website ASPnet pode abrir muitas novas possibilidades do trabalho pedagógico dentro dos princípios da UNESCO.

Desafios globais e o papel do Sistema das Nações Unidas, Educação para o Desenvolvimento Sustentável, Educação para a Paz e os Direitos Humanos e Aprendizagem Intercultural são os principais temas de estudo pela rede de associadas que estão destacados no portal.

As informações, experiências, projetos e notícias das escolas associadas do Brasil estão no site do PEA, que traz também informações sobre os encontros nacionais e regionais, os anos e décadas comemorativos, concursos nacionais e internacionais, além de documentos oficiais da UNESCO.

Participar ativamente das propostas internacionais da UNESCO é papel importante de todas as escolas



associadas. Diretores, coordenadores e professores devem acessar o site da ASPnet, incentivando os alunos a navegarem por ele, participando também das discussões, destacando assim a preocupação e importância que a rede tem para a melhoria da educação brasileira e, consequentemente, mundial.

Partindo de um destes temas e com foco nas comemorações propostas para cada ano, as escolas associadas podem propor projetos que envolvam a comunidade, estabelecer parcerias, assistir e auxiliar em projetos semelhantes de instituições do entorno, enfim, ser ponto de referência e apoio ativamente participante.

SE VOCÊ QUER SABER SOBRE:

Projetos desenvolvidos ao redor do mundo sobre sustentabilidade, acesse o link:

<https://en.unesco.org/aspnet/all-projects>

Ações desenvolvidas nas escolas:

<https://en.unesco.org/aspnet/all-actions>

Notícias sobre o desenvolvimento sustentável:

<http://www.unesco.org/new/en/education/themes/leading-the-international-agenda/education-for-sustainable-development/>

Publicações e documentos para escolas asso-

ciadas: <http://www.unesco.org/new/en/education/networks/global-networks/aspnet/publications/>

Como associar-se ao PEA:

<http://www.peaunesco.com.br/comoassociar.htm>

Anos internacionais - Calendários e temas tra-

balhados: <http://www.unesco.org/new/en/unesco/events/prizes-and-celebrations/celebrations/international-years/>



60 anos de história do PEA

O início

1952

A conferência geral da UNESCO decide conduzir experiências educacionais com escolas dos estados-membros.

1953

Acontece o lançamento do Programa das Escolas Associadas, com 33 escolas secundárias em 15 estados-membros.

O objetivo inicial era integrar os ideais da UNESCO no processo de aprendizagem, com ênfase no entendimento internacional; promover a educação para a vida em uma comunidade global e lançar programas piloto com foco internacional, com o apoio dos ministérios da educação e das comissões nacionais da UNESCO.

Os temas de estudo eram, então: direito das mulheres, outras culturas, os direitos humanos e o sistema das Nações Unidas.

1954 a 1963 (a primeira década)

A primeira década é de estruturação e experiências. Acontece a primeira experiência de intercâmbio. Em 1961, é lançada a newsletter *International Understanding at School*.

1964 a 1973 (segunda década)

Entre os marcos desse período está a integração das escolas de Ensino Fundamental.

É publicado o primeiro livro com função de material pedagógico. Acontecem seminários internacionais para discutir novas abordagens educativas.

No final da década, a rede já possui 923 escolas associadas, em 63 estados-membros.

1974 a 1983 (terceira década)

Funcionando já plenamente consolidada, a UNESCO adota uma recomendação para todos os estados-



-membros para aumentar a capacidade de inovação pedagógica por meio do fortalecimento das escolas e das atividades extracurriculares.

Outro tema de estudo é incluído: a proteção ao meio ambiente.

Em 1976, a rede passa a incluir escolas de educação infantil.

Em 1979, após uma avaliação internacional, é lançado o primeiro projeto inter-regional de direitos humanos, desarmamento e da nova ordem econômica mundial.

1984 a 1993 (quarta década)

A quarta década é marcada pelo processo de expansão e de inovação.

São realizados mais de 30 workshops, seminários e conferências.

Em 1986, acontece o primeiro encontro de jovens de escolas associadas no headquarter da UNESCO, em Paris, com 60 alunos e professores de 23 países europeus.

É produzido o primeiro filme – *Shaping the Future*.

1994 a 2003 (quinta década)

Quando completou 50 anos, o PEA, conhecido internacionalmente por ASP, passa a ser chamado ASPnet.

Novamente o programa é avaliado, desta vez pela University of Birmingham.

A rede já inclui 7.400 escolas em 170 países-membros.

2004 a 2013 (sexta década)

A sexta década da ASPnet é dedicada às práticas de qualidade de ensino. Entre os marcos, estão a adoção de um plano estratégico de ação para os anos de 2004 a 2009.

Acontecem projetos com o setor privado, como o Mondialogo.

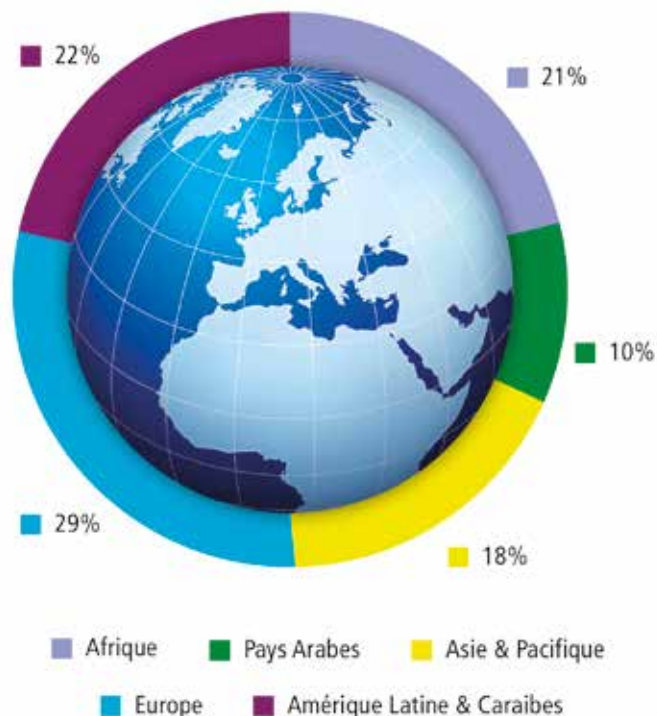
Sai a primeira edição do livro *Good Practice Report*.

Os principais temas da década

- Problemas mundiais e o papel do Sistema das Nações Unidas
- Educação para o desenvolvimento sustentável (incluindo mudanças climáticas e biodiversidade)
- Paz e direitos humanos
- Aprendizado intercultural

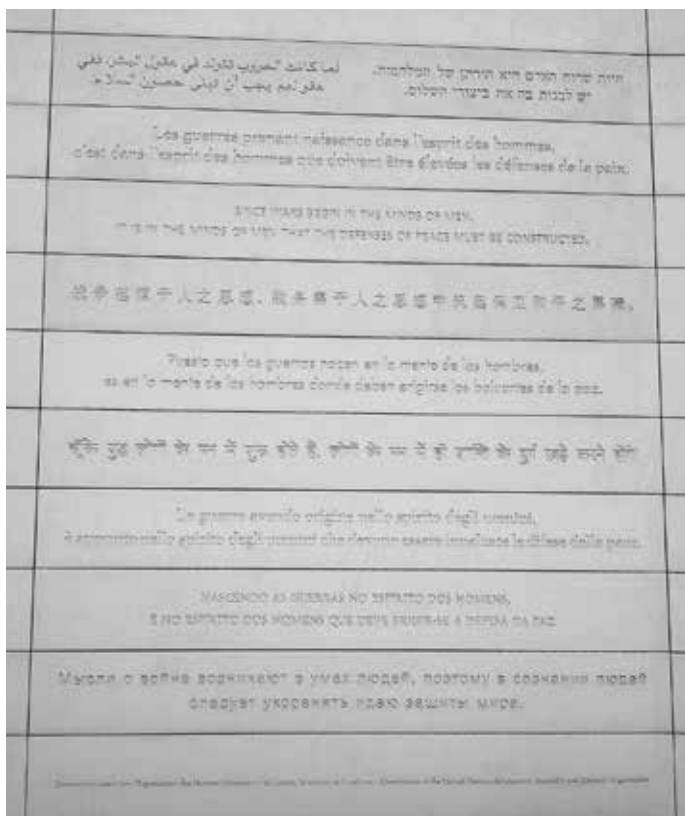
Hoje, o PEA inclui mais de 9,6 mil escolas em 180 países.

ONDE ESTÃO AS ESCOLAS DO PEA



PERTENCER AO PEA É FAZER PARTE DE UMA REDE QUE:

- Abrange todos os continentes e envolve diferentes tipos de escolas
- Suporta a aprendizagem intercultural e os contatos entre as escolas de todo o mundo
- Aumenta a visibilidade da UNESCO
- Desenvolve materiais, abordagens e métodos pedagógicos sobre as prioridades da UNESCO
- Assegura o compartilhamento internacional de melhores práticas
- Tem um efeito multiplicador na promoção da qualidade de ensino.



Na sede da UNESCO, monumento grava compromisso com a paz em diversas línguas

O PEA e seus próximos desafios

O PEA brasileiro comemora os 60 anos globais num momento de grande revitalização. No Brasil, o programa é bem mais jovem – começou a se constituir na década de 1990, com a professora Vera Gissoni. Hoje, o programa das escolas associadas brasileiras ganha presença internacional e acompanha de perto as tendências das principais redes. Nesta entrevista, Myriam Tricate fala sobre o reconhecimento que o PEA vem obtendo e os caminhos que se desenharam para o futuro próximo.

Revista do PEA – As comemorações pelos 60 anos do PEA acontecem em todo o mundo, e a senhora tem acompanhado de perto essa movimentação. Que lição é possível trazer para a realidade do PEA?

Myriam Tricate – Há muitas lições. Vamos ter que pensar em diversos níveis. Acho que, em primeiro lugar, podemos nos orgulhar de termos o Brasil como um país que participa com a mesma intensidade que outros países onde a rede de escolas associadas tem muita tradição. Tivemos um ano pleno de ações, a rede está celebrando os 60 da melhor forma que poderia acontecer, ou seja, com muita ação, criando seus próprios projetos, participando das iniciativas nacionais e até mesmo das internacionais, como o concurso Poemas do Mundo, criado pela Espanha. Ou seja, não estamos acompanhando tudo a distância, mas somos protagonistas e acho que as outras nações reconhecem isso.

Revista do PEA – Como é possível saber?

Myriam Tricate – Uma das funções da coordenação nacional é fazer essa ponte com outros países. Estou em contato constante com a coordenação internacional, por exemplo. Da mesma forma, recebo e-mails de diversos países com pedidos de informações. Apenas

neste semestre, conversei com o PEA do Uruguai, do México, da Espanha.... Quando é possível, faço esforço para estar presente em eventos de outros países para os quais sou convidada, como foi o caso da Coreia do Sul, no início de setembro. Não é fácil, tudo tem de ser a custo zero para o PEA, como as escolas associadas bem sabem (*risos*). Mas o simples fato de nos convidarem mostra que o Brasil se tornou um país relevante para a comunidade internacional das escolas associadas.

Revista do PEA – Quais são as preocupações que sente nas escolas associadas de outros países?

Myriam Tricate – Antes de responder, quero lembrar que as escolas associadas têm realidades muito distintas nas diferentes nações. Há lugares, como o Chile e o México, em que a rede faz parte dos programas governamentais, e recebe recursos por isso. Outros são países ricos, como o Japão, ou extremamente carentes, como em diversas nações africanas. Por isso, é fundamental que haja diretrizes internacionais. Hoje, uma das grandes preocupações manifestadas pela coordenação internacional é a questão da qualidade de ensino. E também nesse ponto o Brasil vem servindo de referência.

Revista do PEA – Pode dar algum exemplo concreto?

Myriam Tricate – Certamente! O Japão, por exemplo, está fazendo uma pesquisa sobre como as escolas associadas podem estimular a qualidade de ensino. Enviamos-lhes então a pesquisa Identidade PEA e a Qualidade PEA que realizamos no ano passado, o que eles prontamente agradeceram muito. Da mesma forma, pouco depois que fizemos nossas pesquisas, em 2012, a própria coordenação internacional iniciou um grande estudo, com entrevistas aos coordenadores nos diferentes países. Enviamos o novo estudo para Livia Saldari, que felicitou o Brasil pela iniciativa.



Revista do PEA – Essa visibilidade também não traz novas responsabilidades para o PEA brasileiro?

Myriam Tricate – Isso é absolutamente verdadeiro. Precisamos ser consequentes e não fazer pirotecnia. O processo de avaliação iniciado no ano passado, por exemplo, deve ser continuado e precisa ser considerado no planejamento das escolas. A questão da qualidade de ensino é fundamental – inclusive para que nós, como instituição, possamos manifestar nossa visão sobre o que consideramos qualidade de ensino, o que inclui dimensões muitas vezes esquecidas nos rankings oficiais, como os valores, os esportes, as artes... Daí a importância do estudo Qualidade PEA, associado à Identidade PEA.

Revista do PEA – Isso também se relaciona às novas certificações?

Myriam Tricate – Sim. Temos conseguido progressivamente renovar o quadro das associadas, mantendo as escolas efetivamente comprometidas. A coordenação internacional reconhece isso, e por isso temos tido autorização para nossos pedidos. Precisamos lembrar que ainda estamos no processo de consolidação da rede – e, na verdade, acho que esse é um processo permanente. Precisamos implantar a mentalidade de que as escolas precisam merecer estar no PEA. Não basta querer, não basta já estar. Fico feliz por ver que, pelos últimos relatórios recebidos, as escolas estão se

esforçando por valorizar a nossa marca junto à comunidade à qual pertencem.

Revista do PEA – E quanto aos próximos desafios? Como você enxerga o PEA para os próximos anos?

Myriam Tricate – Puxa, isso daria assunto para outra entrevista. Podemos pensar em duas dimensões. De um lado, podemos falar sobre os próprios compromissos da UNESCO. Embora tenha tantas décadas, a UNESCO tem sabido acompanhar e até mesmo se antecipar às rápidas transformações no cenário global. Está presente em todas as discussões sobre sustentabilidade, clima, garantia dos direitos humanos... A UNESCO, assim, influencia a pauta da agenda global. Por isso, é muito importante que as escolas se habituem a consultar os documentos oficiais, naveguem regularmente pelo website da organização. Ali há um roteiro implícito dos desafios que temos de abraçar, como educadores. Temos de acompanhar de muito perto as sinalizações da UNESCO, como um eixo vertebral de nossos projetos pedagógicos.

Revista do PEA – Mas temos os desafios locais...

Myriam Tricate – Sim, e esta é a segunda dimensão: como podemos avançar estruturalmente, no Brasil. Aqui, embora tenhamos feito muito, ainda há um mundo de coisas a serem feitas. Algumas dependem do envolvimento direto da UNESCO e não apenas do PEA, como no caso de uma melhor articulação com instâncias de governo, por exemplo. De nossa parte, temos o desafio de consolidar todos os caminhos que traçamos. As direções estão dadas: ter projetos cada vez mais consistentes, com visibilidade para a sociedade, investir em qualidade. Precisamos também trabalhar pela sustentabilidade de nosso projeto, buscando parceiros permanentes para o programa, empresas e instituições que nos ajudem a investir em formação de educadores, por exemplo. Nesta edição do Encontro Nacional, temos novamente a parceria da Editora Moderna, e o apoio do escritório Pinheiro Neto Advogados. Agora estamos prontos para fazer isso, pois já temos o que mostrar para a sociedade brasileira. E teremos cada vez mais.

PEA-UNESCO/Brasil: o que vivi

A educadora Vera Gissoni é uma figura-chave da presença do PEA no Brasil e será homenageada no Encontro Nacional de 2013. Neste depoimento, ela conta sobre o nascimento do programa no País

É nossa pretensão, nessa revisão histórica, apresentar as principais conquistas e desafios do PEA-UNESCO do Brasil, que vem crescendo e evoluindo constantemente graças ao empenho, entusiasmo e motivação dos seus membros.

Paris, 1995.

Estava em Paris decidida a esclarecer um grande mistério: qual a real situação da rede PEA-UNESCO no Brasil.

Resolvi verificar “in loco”. Mais uma vez dirigi-me ao Escritório do PEA na magnífica sede da ONU, em Paris. Dei a sorte de encontrar pela primeira vez com a senhora Elizabeth Khawjkie, então Coordenadora Internacional do Programa. Ela confirmou o recebimento dos nossos relatórios anteriores e, perplexa, questionava a razão pela qual um país tão grande tinha apenas 14 escolas-membros, das quais somente a nossa apresentava seu relatório anual.

Manifestando grande preocupação com a pouca participação do Brasil, mostrou-se completamente receptiva para ter-nos como parceiros e falou-nos da urgência em revitalizar o movimento no Brasil para torná-lo visível e compatível com a grandeza do nosso país.

Após a nossa conversa, convidou-me a assumir a função de Coordenadora Nacional no Brasil. Não aceitei prontamente. Precisava certificar-me se não estava ultrapassando limites ou usurpando espaços já ocupados. Busquei a orientação da professora Edília Coelho Garcia, grande educadora brasileira, que incentivou-me a aceitar o convite.

Era clara a necessidade de trabalharmos a nossa real inclusão na Rede PEA-UNESCO. Decidi então realizar, por meio da Universidade Castelo Branco, um Seminário para que a própria Elizabeth Khawjkie promovesse o revigoramento da rede brasileira que tanto desejava.



Pela primeira vez, o Brasil recebia tão importante delegação vinda diretamente de Paris. Eles demonstravam a maior curiosidade por nós e estavam completamente desejosos de nossa cooperação. Nesse primeiro Seminário estavam presentes cerca de 120 escolas do Rio de Janeiro.

Elizabeth firme e decididamente contagiou a todos, inoculando nos presentes o desejo de participar. Lembro que conseguiu sensibilizar a todos ao discorrer acerca da missão da rede e sobre a importância de as escolas engajarem-se nesse Programa. Lembrava ela, ao final de seu discurso, a frase que atribuía ao Diretor-geral da UNESCO Federico Mayor Zaragosa: “Aos pais e aos educadores compete apenas oferecer duas coisas aos jovens e às crianças: raízes e asas”.

E belamente discorreu sobre o assunto. Na metáfora apresentada, as raízes eram identificadas com os valores e saberes que promovem segurança e equilíbrio aos jovens, e as asas com a liberdade que todos precisamos ter para realizarmos nossas potencialidades. Pronto... As sementes estavam lançadas.

Cabe ressaltar que o Colégio de Aplicação da Universidade Castelo Branco já era membro do PEA-UNESCO desde 1993 e, a partir dele, iniciamos um trabalho de mobilização, pois precisávamos de escolas entusiasmadas e comprometidas para concretizarmos

os princípios da UNESCO. Não nos interessava apenas crescermos em número, mas perseguíamos qualidade e engajamento das instituições de ensino.

Para isso, buscamos lideranças educacionais nos diversos Estados brasileiros que pudessem promover o movimento. Decisivos nesse momento inicial foram algumas companheiras do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Bahia, do Maranhão, do Paraná e os vários amigos de diferentes universidades do Brasil.

Começamos a convidar os dirigentes que se mostraram mais próximos ao programa para liderarem as Coordenações Regionais e partimos para encontros, reuniões, cursos que divulgassem e aprofundassem saberes relacionados aos temas básicos do PEA/UNESCO: Democracia, Aprendizagem intercultural, Desenvolvimento sustentável e Respeito aos Direitos e aos Valores Humanos.

Trabalhávamos também intensamente os temas propostos pela ONU através dos Anos Internacionais. Em 1996 éramos 26 escolas e, em 2007, já contávamos com quase 300 escolas distribuídas pelo Brasil.

Passamos, ainda, a realizar um grande Encontro Nacional para que as Escolas de todo o Brasil pudessem intercambiar ideias e trabalhos desenvolvidos. Em nosso primeiro Encontro Nacional em 1996 contamos com a presença entusiasmada de Elizabeth Khawjkie, Coordenadora Internacional do movimento.

A partir de 1997, outros líderes educacionais internacionais e nacionais passaram a ser assíduos em nossos encontros. Dentre eles, a Prof. Maria Luiza Jau-regui, representante do PEA/UNESCO para a América Latina, Pierre Weill, Jorge Wertheimer, Representante da UNESCO em Brasília, e Dulce Borges de Cabo Verde.

Nossos encontros aconteciam sempre em diferentes Estados para que pudéssemos conhecer novas escolas, suas metodologias e trabalhos realizados. Paralelamente aos debates e palestras, promovíamos um rico programa para que todos os participantes conhecessem a arte, a música, os costumes, a gastronomia, os museus, os teatros, os monumentos, as festas típicas e tudo mais que nos levassem a absorver a cultura local e a diversidade nacional.

Assim, estivemos em São Paulo, em Brasília, na Costa Verde do Rio de Janeiro, em São Luís do Maranhão,



em Uberlândia, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. E para nosso encantamento, isso prossegue da mesma forma na gestão da professora Myriam Tricate que, a cada ano, contempla um Estado do nosso país, de modo a ampliar e aprofundar o nosso conhecimento das peculiaridades regionais brasileiras.

Em 2000, já com o movimento bem sedimentado e fortalecido, decidimos ampliar as fronteiras do saber e realizamos a nossa primeira viagem Internacional: I Intercâmbio Internacional PEA UNESCO.

A França foi o país escolhido e Paris foi a cidade principal, embora tenhamos visitado algumas cidades e áreas dos arredores para inteirar-nos das diversas e diferentes formas de trabalhos pedagógicos desenvolvidos pelo país. Contamos com 32 escolas em nossa delegação. Fomos a primeira das muitas Escolas Associadas no mundo a visitar a sede da PEA/UNESCO. Emocionante!

Em Paris, fomos recebidos pela Representante Internacional do PEA/UNESCO, Prof^a Elizabeth Khawjkie, e pela coordenadora do PEA/UNESCO na França, Prof^a Marie Paule Delmas. Na ocasião também fomos agraciados com uma palestra do secretário-geral da UNESCO, Prof. Federico Mayor Zaragoza, que dirigiu a entidade de 1987 a 1999 e que insistia em mostrar que um dos mais importantes objetivos da rede era promover a paz nas mentes dos homens.

Durante uma semana, visitamos várias escolas. No norte da França, na cidade de Lille, fomos conhecer um novo projeto educacional que incluía uma Biblioteca recém-adaptada a uma tecnologia mais avançada. Visitamos escolas da ZPES consideradas de alto risco por atender a grupos de refugiados do mundo árabe. Além disso, como não poderia deixar de ser, fizemos as tradicionais visitas culturais aos museus e pontos turísticos mais importantes de Paris.

Em maio de 2002, o Chile, cujo trabalho é reconhecido por sua vitalidade, foi o país escolhido para o nosso II Intercâmbio Internacional PEA UNESCO. Éramos cerca de 40 participantes. Em Santiago, fomos recebidos por Maria Luiza Jauregui e todos os componentes do PEA/UNESCO do Chile que, além dos discursos de praxe, nos ofereceram uma recepção com inesquecíveis iguarias gastronômicas locais e bons vinhos chilenos.

Tivemos uma semana intensamente produtiva com mesas-redondas nas quais vários dirigentes de diferentes pontos do país apresentaram suas formas peculiares de trabalho. Visitamos escolas em Viña del Mar e, na cidade de Valparaíso, ficamos maravilhados com o trabalho desenvolvido com a população carente visando a diminuição das desigualdades e o empoderamento daquele povo em sua cultura.

A casa de Pablo Neruda em Isla Negra foi outro ponto alto de nossa viagem. Interessante foi conhecer a coleção de “mascarones”, estátuas que enfeitavam as embarcações

antigas, e tudo mais que Neruda gostava de colecionar: pedrinhas, conchinhas, óculos, chapéus, palavras...

Em agosto de 2003, com uma delegação de aproximadamente 15 escolas, realizamos a terceira viagem internacional. Dessa vez à Auckland, na Nova Zelândia, para o Congresso Internacional comemorativo dos 50 anos do PEA/UNESCO : “Navigators for Peace, Konga Kaiwhakaterere mo te Rangimarie, Quality Education for the 21st Century”, de 03 a 08 daquele mês.

Foi rico e emocionante participar desse evento por incluir o conhecimento de aspectos tão diversos dos nossos. Ali estavam, em grande maioria, os povos da Oceania e das inúmeras Ilhas do Pacífico. Tínhamos representantes da Austrália, de Papua-Nova Guiné, de Fiji, de Samoa, de Tonga, das ilhas Salomão, de Palau, da Tasmânia e de muitos povos dos arredores. Tipicamente vestidos, apresentavam seus trabalhos e, sem qualquer preocupação com censuras ou convenções, cantavam alegremente nos intervalos e enchiam de encantamento aquela Conferência.

Em setembro de 2006, a nossa quarta viagem internacional contou com cerca de 10 escolas. Fomos à Espanha para um Congresso Internacional e nossa delegação foi recebida pelo Reitor da Universidade de Granada. O Congresso contava com várias Redes PEA europeias que apresentavam projetos inovadores em Direitos Humanos e foi aberto por Federico Mayor, que, após sua palestra, cumprimentou-nos efusivamente, orgulhoso, segundo suas próprias palavras, pelo trabalho desenvolvido no Brasil. Ficamos felizes pelo reconhecimento e prontamente estendemos os méritos ao empenho das escolas da rede nos diferentes recantos do Brasil.

O PEA/UNESCO ofereceu interessantes oportunidades não só a nós, mas também aos dirigentes de escolas. A participação em eventos nacionais e internacionais representou, também, ganhos incalculáveis para os nossos alunos. Receberam prêmios a que fizeram jus pelos trabalhos realizados e puderam compartilhar importantes questões tratadas nas diferentes Convenções e Simpósios a que eram convidados. E isso aconteceu em diversas ocasiões, em Lisboa, Cairo, Trinidad e Tobago, Dinamarca, Coreia do Sul, entre outros.



Em 2002, participamos da “Conferência Internacional sobre o Patrimônio Mundial nas Mãos dos Jovens: Diálogo entre as Civilizações” nas cidades do Cairo e de Assuan, no Egito, de 6 a 12 de fevereiro e, em abril, de 16 a 19, estivemos em Cuba no “TST PROJECT UNESCO/Cuba”.

Como pode ser facilmente percebido, a rede PEA/UNESCO é um movimento intenso e rico para as escolas. O programa ajuda a preencher a lacuna entre o que está acontecendo no mundo e o que está sendo ensinado em sala de aula. O papel da educação em apoio à paz, à não violência e ao aprender a conviver continua sendo essencial e o PEA/UNESCO oferece inovações e contribuições para isso.

É evidente que uma das principais características do nosso século é a rápida transformação sociocultural-tecnológica-econômica mundial e é óbvio que isso exige mudanças e adaptação dos currículos escolares, o que demanda tempo, pesquisa, experimentação, validação e recursos.

Através de atividades do PEA e da observância de anos e décadas internacionais, abordagens educativas inovadoras têm sido desenvolvidas. Novos conceitos surgem relacionados a ações preventivas para a resolução pacífica de conflitos, a proteção do ambiente para um futuro sustentável, o desenvolvimento de tecnologia limpa, a aprendizagem intercultural, os direitos humanos e a convivência tolerante e harmoniosa entre os humanos.

Podemos dizer que os dez anos em que presidi o PEA/UNESCO foram de muitos ganhos: amizade, cultura, compartilhamentos, enriquecimentos pessoais, sociais e profissionais.

Quero dizer ainda que nunca estive só. Um grupo próximo e querido de amigos sempre esteve ao meu lado defendendo a mesma causa. Sou muito agradecida a todos e ao muito que vivi nesses anos.

O que queremos é fortalecer as ideias de Justiça, de Respeito aos Direitos Humanos e as Liberdades fundamentais para todos os povos do mundo, independente de raça, de sexo, de língua ou de religião, e é isso que procuramos semear em cada escola, através da Rede de Escolas Associadas PEA/UNESCO, fazendo com que esses ideais sejam traduzidos em ações concretas e em ideias inspiradoras de reverência aos valores humanos.

“Que cada escola possa ser um polo na promoção dos valores humanos”

Quais as razões que me levaram ao PEA-UNESCO?

Entre 1993 a 1996 cursei a Universidade da Paz. Seu presidente Pierre Weill, psicólogo, filósofo, escritor e grande professor, trouxe a Unipaz para o Brasil, pois desejava divulgar a paz, como conquistá-la e mantê-la para si e para os demais.

Neste ano de 1993, conversando com a professora Edília, minha grande guru, ela falou sobre o programa. Os mesmos princípios: Unipaz e PEA-UNESCO. Ambos acreditados pela ONU e pela Unesco. O PEA-UNESCO nos fazia agir em função da paz, conscientizando crianças e jovens acerca dos princípios internacionais de justiça, de direitos humanos, de democracia...

Em 1993 houve um acontecimento em minha vida que me ensinou a perceber profundamente estes princípios com os olhos da sensibilidade, do amor, do perdão, da renúncia, da aceitação... Um sequestro é uma vivência dolorosa que revela o quanto a violência é catastrófica e como a liberdade é um direito inestimável. Investi de corpo e alma no PEA/UNESCO, e mais uma vez, tive a oportunidade de conhecer pessoas, vivenciá-las e amá-las. Gosto de gente, de jovens, de crianças...

Conquistei muitos amigos, tive apoio de muitos companheiros da educação. Vibrei com cada conquista e com cada novo encontro. Vivi o PEA-UNESCO com muita intensidade. Foi muito prazeroso estar 10 anos à frente de líderes educacionais apaixonados por seu papel na sociedade.

Agradeço a cada uma das pessoas que fizeram parte do PEA-UNESCO, de terem me dado a oportunidade de ver quanta generosidade havia em cada um dos que participavam dos nossos programas, reuniões, encontros e viagens nacionais e internacionais. Maria Cecília Cury, amiga constante de tantos anos, que me deu o primeiro apoio; Lea Rocha Lima, Talita de Almeida, Eva dos Santos Pereira, Marisa Moreira, Eliana Aun, Myriam Tricate, Maria do Socorro Naufel, Marinélia Fonseca da Hora e Aurora Borges. Tanta gente boa de São Paulo e do Brasil, meus caros reitores de universidades. Sim, vivi grandes momentos.

A cultura da paz na escola

O tema da Cultura da Paz é central para a UNESCO e também para o PEA, que é o braço da UNESCO no mundo das escolas. Mas, no dia a dia pedagógico, a ideia de cultura da paz muitas vezes chega de forma idealista, com muitos gestos simbólicos e poucas ações efetivas.

Por isso, uma das principais conferências do Encontro Nacional do PEA de 2013 será “Cultura de paz: do que realmente estamos falando?”, sob responsabilidade do pesquisador Joe Garcia, da Universidade Tuiuti, do Paraná.

Doutor em Educação pela PUC-SP, conferencista e autor de diversos estudos publicados no Brasil e no exterior, Joe é conhecido por seus estudos no campo da disciplina e do currículo, e atualmente se dedica ao estudo da questão da cultura da paz que, segundo ele, está muito viva em diversos países do mundo.

Leia, nesta matéria, trechos do depoimento concedido por Joe Garcia à Revista do PEA.

Sobre o conceito de paz

No contexto dos estudos e práticas de educação para a paz não há um consenso ou visão única do que seja “paz”. Entre os educadores a ideia de paz é muito plural, bem como as práticas pedagógicas ensaiadas nas escolas.

Entre as diversas noções de paz que hoje circulam entre os educadores, algumas são muito interessantes. A ideia mais usual de paz encontrada na literatura educacional refere-se à ausência de violência ou conflito. É uma noção antiga, encontrada já em Platão, mas ainda valiosa. Entretanto, ela é restritiva se considerarmos a paz como uma ação cujas realizações vão além de impedir ou extinguir algo.

A paz é um modo de engajamento nas atividades e relações humanas. Como tal, pode se expressar sob diferentes formas, tal como por meio de ações de solidariedade e no cuidado em relação aos outros. Estar em paz é exercer uma forma particular de relação com as pessoas e mesmo com o meio ambiente – ou com todo o universo.

Diante dessa pluralidade de entendimentos e práticas possíveis, o coletivo de cada escola deveria dedicar tempo para examinar e escolher aquela noção de paz que lhe pareça mais significativa e que seja capaz de inspirar visões e ações sociais que atendam à complexidade e aos desafios do nosso mundo atual.

O conceito da paz e a prática pedagógica

A paz é um modo de ação social, uma alternativa de vida coletiva que precisa ser imaginada para ser realizada. Assim, educar para a paz requer olhar para o que hoje limita as relações humanas, mas é essencial imaginar um mundo que esteja além dos limites que nos caracterizam na atualidade.

Os conflitos no mundo nos oferecem motivos e possibilidades para ações e educação para a paz. Mas eles não nos ensinam sobre as amplas possibilidades humanas.

Além disso, não é necessário estarmos em guerra para sentirmos a necessidade de educar para a paz, ou então tomar a violência como elemento de referência para a ideia de paz.

Embora possamos usar o mundo atual, com seus diversos problemas, para falar sobre a necessidade de paz, ele não é uma referência completa para se aprender sobre a paz. Aprender a pensar e superar os horrores da guerra, da desigualdade, da discrimi-



nação, por exemplo, certamente é algo importante e necessário, mas essa abordagem não fornece todas as lições importantes sobre paz.

Talvez o melhor que a escola possa fazer é proporcionar aos alunos experiências de aprendizagem sobre agir sob uma perspectiva de unidade em relação à vida, em todas as suas expressões. Nesse sentido, se a escola possui um programa consistente de educação ambiental, por exemplo, este pode ser usado como paradigma para se pensar e experimentar a ideia de paz.

Uma outra alternativa para se praticar educação para a paz nas escolas reside na educação em valores humanos. Um aspecto comum dessas duas vias de educação para a paz reside na prática do cuidado, de si, do outro, de todo o planeta.

A paz é uma forma de presença positiva, construtiva, solidária. E essa forma positiva de estar com os outros, ou de estar presente, pode ser exercitada sob diversas formas nas escolas. Embora os conflitos no cotidiano escolar nos lembrem de que precisamos de paz, seria muito restritivo termos uma educação para a paz apenas sustentada em ensinar os alunos a lidar com conflitos interpessoais, por exemplo. É como supor que na ausência de conflitos estaremos sempre em paz, ou que essa simples ausência é capaz de nos ensinar algo tão valioso como a paz.

A cultura de paz e os desafios da educação contemporânea

A educação em nossas escolas ainda é predominantemente baseada em currículos disciplinares, que são dispositivos mais efetivos para se ensinar conteúdos fragmentados, transformados em unidades didáticas sujeitas a tempos específicos e para serem trabalhadas sob métodos usualmente dominados pelos professores.

Mas a educação para a paz não é algo que se encaixe confortavelmente na formatação dos currículos disciplinares. E as práticas de educação para a paz baseadas em projetos especiais ou que tomam a paz como um “tema” transversal, nem sempre atingem propósitos mais amplos que a mobilização intelectual temporária.

O fato é que precisamos de outro paradigma para realizar propostas não fragmentadas e significativas de educação para a paz em nossas escolas.

A escola precisa fornecer mais que práticas curriculares planejadas, formais e sistemáticas. A paz deve ser um valor atuante na cultura da escola, no modo como ali as relações ocorrem, como as decisões são tomadas. Por isso, talvez o maior desafio seja o de superar a noção de educar “sobre” a paz, pois a própria vida na escola precisa ser um campo de aprendizagem direta envolvendo experiências de paz – ou seja, uma educação simultaneamente “para” e “através” da paz.

O conhecimento que liberta

A Lei 10639/03, que obriga as escolas das redes pública e privada, em todos os níveis de ensino, a incluir conteúdos curriculares transversais sobre a História da África, dos negros e afrodescendentes no Brasil, completou 10 anos este ano. Também este ano, a Lei 11645/08 – que incluiu a obrigatoriedade dos estudos dos povos indígenas, complementando a legislação anterior – fez cinco anos desde sua promulgação.

Essa legislação, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, é uma conquista de milhares de brasileiros/as e dos movimentos sociais, com ênfase aos Movimentos Negros. Foi a partir da Lei 10639 que toda uma política para a Educação das Relações Étnico-raciais passou a ser estabelecida pelo Ministério da Educação. Para termos uma ideia, em novembro de 2012, o governo federal regulamentou as diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola, no sentido de formular projetos político-pedagógicos adequados à especificidade das comunidades remanescentes de quilombos do país. Há também iniciativas neste sentido voltadas para as comunidades ciganas.

Essa legislação representa um avanço considerável que nos coloca alinhados com o que é uma tendência mundial, e ainda pode ser entendida como uma prática epistemológica de confronto ao etnocentrismo. Necessário dizer que há acerca de 30 anos, os países que foram colonizados por grandes potências, como Índia, Argélia, Angola e Canadá (para falarmos apenas dos mais visibilizados), vêm realizando esforços para trazer para o protagonismo das cenas sociais as Histórias, os saberes e lutas dos povos que foram vitimados por essa colonização e que, por terem suas histórias contadas por aqueles que os colonizaram, viam-se sub-representados e estigmatizados dentro de seus próprios países.

De certa forma, esse movimento de reconhecimento do protagonismo dos povos dominados originou o que podem ser chamados de estudos pós-coloniais, que têm no argelino Frantz Fanon seu precursor. Porém,

foram o indiano Homi Bhabha e o jamaicano Stuart Hall que deram musculatura a esses estudos e se tornaram expoentes teóricos reconhecidos no mundo todo. Sem dúvida, esses pesquisadores deram o tom para uma produção científica que potencializa a importância dos povos colonizados enquanto agentes e construtores de suas próprias sociedades. É exatamente sobre isso que a legislação trata.

Uma questão que devemos levar em conta é que a Educação para as Relações Étnico-raciais reconhece o caráter multirracial e multicultural do Brasil, além de garantir o respeito à especificidade de cada grupo – seja ela regional ou temporal. Este é outro ponto fundamental para que se possa implementar efetivamente essa legislação. O reconhecimento de que o Brasil é, de várias maneiras, muitos “Brasis” – com histórias, costumes, tradições, povos e culturas muito diversos. Isso é que é o mais bonito de se descobrir. Neste sentido, a aplicação das leis tem como resultado esperado a convivência respeitosa com as diferenças.

Diferença não é (ou pelo menos não deveria ser!) sinônimo de desigualdade, já que vivemos num país em que a Constituição Federal garante acesso de direitos para todos, independentemente de cor, pertencimento religioso ou origem. Porém, há uma dificuldade em lidarmos com isso. Uma pessoa não tem problema com quem é igual a ela, e sim com quem é diferente, com quem tem hábitos que ela não consegue compreender e que desconhece. Precisamos assumir que temos muita dificuldade com essa temática porque nos acostumamos a pensar o Brasil como um país monocultural, que tem a ‘democracia racial’ como mito fundador. No entanto, essas leis têm exatamente o papel de desconstruir esses conceitos e de reelaborar o nosso olhar para os conflitos étnicos e raciais que sempre existiram entre os mais diversos grupos que lutaram, resistiram, negociaram e ressignificaram a colonização, fazendo com que o nosso país tenha as muitas faces que tem hoje.

O fato é que um Brasil democrático, diverso e múltiplo, tendo como meta cidadãos respeitosos e preparados para lidar com a diversidade cultural – fundamental para os tempos atuais em que o enfrentamento ao racismo, à xenofobia e a todas as formas de discriminação correlatas entraram definitivamente para a pauta do dia – só será possível de ser instituído pela via da educação. Por isso, as escolas têm um papel fundamental para a formação desses novos cidadãos que a cada dia mais precisam lidar com o que é (e com quem é) diferente.

A importância de aproximar os alunos das culturas ameríndias, por exemplo, dá-se pelo fato de iniciar o contato respeitoso com o que nos parece tão distante. Os povos indígenas – pelo menos os que sobreviveram! – são os donos dessa terra que os europeus chamaram de Brasil. Entender como se deram os processos de colonização e o etnocídio (conceito desenvolvido para tentar explicar os processos de extirpação da cultura dos povos dominados, fazendo com que seus indivíduos se mantenham aptos para o trabalho) é fundamental. Outro ponto importante é entendê-los a partir de seus próprios códigos e sociedades... e por que as suas lutas são tão incômodas para quem pretende continuar explorando nossas riquezas.

O fato é que o resgate do protagonismo das ‘maiores silenciadas’ faz um bem enorme para a estima dos jovens negros, indígenas, ciganos, judeus... Exatamente os mesmos grupos que se habituaram a ver suas histórias de certa forma ‘varridas para debaixo do tapete’ da nossa sociedade. A importância desta legislação está em justamente fazer com que esses grupos se reconheçam como forças formadoras do país e enxerguem que seus antepassados travaram lutas fundamentais para nos tornarmos quem somos.

Mas não devemos nos enganar! Não será possível preparar as próximas gerações para a convivência harmônica com o diverso se os professores, os educadores e as equipes técnico-pedagógicas das escolas



não estiverem preparados para lidar com esses temas. Neste caso, sistematizar conteúdos possíveis para implementar uma educação que se oponha frontalmente ao etnocentrismo, tendo como base a posituação do ‘diferente’ – conforme determina a legislação brasileira – é um dos maiores desafios encontrados por pesquisadores e autores que se debruçam sobre esta temática. Esta dificuldade não se dá apenas pela complexidade dos conteúdos, mas também pela transversalidade das disciplinas – que vão da Matemática à Ciência Política, passando necessariamente pela História, Geografia e Literatura. Por outro lado, fazer com que a produção científica dos vários ramos da Ciência, que tratam das questões relativas à diversidade, chegue aos professores que trabalham com o tema, tem sido um dos grandes entraves para a aplicação da legislação. Mesmo com as universidades em todo o país possuindo uma enorme produção acadêmica na área.

A Educação para as Relações Étnico-raciais é um convite para novas possibilidades de compreendermos quem somos e como nos constituímos no que somos. O que pode parecer um simples jogo de palavras é, na verdade, um projeto político em andamento ao redor do mundo, que possibilita a construção de estratégias discursivas, relacionais e históricas do que pretende ser a libertação dos estigmas e estereótipos que rondam a maioria da população brasileira.

Rosiane Rodrigues é jornalista, com especialização em História do Holocausto pelo Museu Yad Vashem (Jerusalém – Israel) e pós-graduada em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet (RJ).

Este artigo é uma colaboração da Editora Moderna.

Chama gaúcha

Casa cheia, trocas culturais, aprendizado conjunto, planos para o presente e para o futuro. Por qualquer perspectiva, o Encontro Nacional do Programa das Escolas Associadas da UNESCO foi um momento único. É verdade, cada encontro realizado anualmente tem sua marca própria. Desta vez, porém, o PEA foi mais longe e realizou no Rio Grande do Sul um encontro que teve sua principal característica na força do conjunto, no comprometimento de educadores e escolas com um projeto comum.

O primeiro sinal desse comprometimento veio do próprio ritmo das inscrições. Um mês depois de abertas, perto de 100 educadores já estavam inscritos. Novas inscrições aconteceram até mesmo durante o Encontro Nacional – e terminamos com um número recorde de participantes. Cerca de 300 pessoas lotaram as dependências do Colégio Santa Catarina (o

anfitrião) e do Hotel Swan Tower, onde as demais atividades aconteceram.

O número de instituições do PEA presentes também foi recorde, chegando a 140, ou quase 70% do total das escolas associadas – um esforço surpreendente, haja vista que em 2012 o Encontro Nacional foi antecipado em um mês para coincidir com as comemorações regionais da Semana Farroupilha, festa típica do Rio Grande do Sul.

Vale lembrar que a presença da escola pública foi intensa, como reflexo direto do esforço que a Coordenação Nacional vem fazendo junto a Secretarias de Estado da Educação. Vieram educadores da rede pública do Amazonas, do Ceará, de Goiás, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, de São Paulo, entre outros Estados. Além disso, a prefeitura municipal de Novo Hamburgo inscreveu 20 professores da rede.

PARTICIPAÇÃO DA UNESCO

Na grade técnica, os educadores puderam acompanhar diretamente da fonte uma das mais bem-sucedidas experiências de políticas públicas, que é a reforma educacional do município do Rio de Janeiro. Para isso, receberam a ex-ministra e atual Secretária Municipal da Educação, Claudia Costin.

Foi muito importante, igualmente, a presença do coordenador de Ciências da UNESCO, Celso Schenkel, que falou sobre o Ano Internacional da Cooperação para a Água, mostrando para os educadores diversas ideias e materiais de consulta para o desenvolvimento de projetos.

Por fim, a coordenadora de Educação da UNESCO, Rebeca Gomes, apontou diversos caminhos de cooperação com o escritório brasileiro, que serão imediatamente trilhados pelas escolas.



PEA a 4 cores



Há duas formas de se ver o relatório de atividades que todas as escolas do PEA devem produzir até o dia 30 de novembro: uma mera formalidade da UNESCO ou um poderoso instrumento de comunicação, que socializa experiências, informa a rede e valoriza o trabalho realizado. Este é o caminho escolhido pela maior parte das escolas da rede e encontrou uma expressão memorável no recente relatório produzido pelo Colégio Bom Jesus, de Curitiba.

Como refinado padrão gráfico – inclusive em encadernação capa dura –, diagramado como um livro bem ilustrado, didático e informativo, o relatório do Colégio Bom Jesus chama a atenção de todos os que o leem. Torna ainda mais evidente a preocupação em trazer os princípios da UNESCO e os objetivos dos anos internacionais em todas as atividades do projeto pedagógico.

Trabalhando em diversas cidades do Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do

Sul, as escolas que compõem a associação participam ativamente das propostas. Inserindo a comunidade nos projetos, aliam teoria e prática em todas as etapas e, assim, vão construindo o relatório ao longo do ano letivo, restando apenas a “costura”, que, diferente da grande maioria das escolas, é feita por quem não está presente em todas as atividades.

O relatório do Bom Jesus se tornou assim uma referência para a rede, já que nem sempre os relatórios recebem a atenção desejada, no final do ano, com todas as demandas rotineiras das escolas, como fechamento do ano letivo, avaliações, planejamento, entre outros. Mas, com organização ao longo do ano, dá para fazer diferente. De maneira organizada e previamente discutida em reuniões com a equipe, é possível manter um cronograma de confecção e preparação de documentos que gera um retrato fiel a todo o envolvimento que a escola associada materializou em ações concretas ao longo do ano.

Alunos produzem biocombustíveis em laboratório

O trabalho sobre os princípios da UNESCO pode e deve envolver toda a escola, da Educação Infantil ao Ensino Médio. É isso o que acontece, por exemplo, no Colégio Albert Sabin, em São Paulo. Nessa escola, os alunos produziram, em laboratório, dois dos mais importantes biocombustíveis da atualidade: o metanol e o biodiesel.

Seguindo os princípios da UNESCO e partindo do tema Energia Sustentável para Todos, o Albert Sabin propôs uma discussão com os alunos de Ensino Fundamental II e Médio sobre o desenvolvimento de técnicas de produção de combustíveis sustentáveis. Afinal, expandir o acesso de energia limpa a preços acessíveis é fundamental para o desenvolvimento sustentável do planeta.

Partindo de discussões sobre os vários tipos de produção de energia e fazendo um estudo comparativo das fontes de energia que se transformam em energia elétrica, os alunos experimentaram o preparo e observaram a composição e caracterização de combustíveis alternativos. Fermentação de frutas para produção do etanol, produção do biodiesel por meio de óleo vegetal e o uso do lixo orgânico para a produção do metano foram alguns dos experimentos testados ao longo do ano letivo.



Para os alunos do 3º ano do Ensino Médio, a discussão foi mais ampla, abrangendo possibilidades de produção de energia a partir de matérias-primas alternativas.

Uma delas foi o uso de células combustíveis, que convertem continuamente substâncias químicas em água, por meio de uma série de reações químicas. Neste tipo de produção de energia as vantagens são muitas, pois as células combustíveis são silenciosas e mais eficientes para a obtenção de energia que a queima de combustíveis fósseis. Utilizando hidrogênio como combustível no lugar de petróleo, a maioria das células, dependendo do tipo, produz emissões que poluem pouco ou nada.

Para finalizar, a discussão sobre o uso da energia nuclear foi ricamente ilustrada nas visitas às usinas Angra 1 e Angra 2.

O projeto será apresentado no Encontro Nacional do PEA, na atividade Vivências e Experiências.



Nós somos catadores!

Você certamente já viu na televisão o comercial onde personalidades como Chico Buarque e Marília Pera dizem: Eu sou catador! Pois, na Escola da Vila, pais, professores e alunos também disseram, para quem quisesse ouvir: Nós somos catadores! Ocorre que a escola entrou em peso no movimento *Limpa Brasil – Let's do it!*

O Movimento chegou ao país com o objetivo de reunir meio milhão de pessoas na limpeza de 16 das maiores cidades brasileiras, esperando despertar a sociedade para os problemas relacionados ao descarte indevido do lixo.

A Escola da Vila abraçou a ideia e dividiu seu projeto em dois importantes objetivos: conscientizar e convocar. Partindo do conceito “o mundo ficou pequeno demais para tanto lixo”, a conscientização demandou ações práticas, como a colocação de um grande saco de lixo na porta da escola; teóricas, com o estudo dos hábitos da sociedade em relação ao tema, e muita reflexão.

No Brasil, o hábito de descartar o lixo fora de locais apropriados ainda é bastante comum e, para promover mudança de atitude em relação à quantidade de resíduos produzidos e ao descarte em locais apropriados, muito além da conscientização, as ações foram intensas com alunos, professores, funcionários, família e comunidade. Cada indivíduo se tornou um “catador”, deixando, portanto, de ser “jogador” de lixo.

Estas ações contaram com a participação de diversas celebridades, formadores de opinião e com uma consultoria em sustentabilidade da ONG Ecoação, que treinou os agentes voluntários para o movimento.

Os alunos tiveram oportunidade de conversar com um catador de lixo e com membros da ONG e de assistir a uma performance do grupo Educadores Ambientais. Além disso, mobilizaram os usuários do metrô com distribuição de sacos de lixo, limpam praças, bairros, avenidas e assim modificaram suas condutas e deram exemplo de cidadania por onde passaram.



Desenvolvendo a consciência e o hábito de olhar e agir por um planeta mais sustentável, a Escola da Vila, assim como outras escolas associadas ao PEA, participa das ações previstas para a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, em consonância com os princípios defendidos pela UNESCO.

Veja alguns depoimentos dos alunos envolvidos

“O lixo prejudica muito, polui, é ruim para o espaço público... Fui à praça do Por do Sol, na Vila Madalena. Foi estranho ver tanto lixo lá...foi importante pra gente ver a diferença no local quando a gente recolhe o lixo.”

“Eu acho que o mais interessante foi apresentar a opinião de um catador. Ele ensaiou música, ensaiou tudo para vir aqui falar com a gente sobre como ele pensa, como ele olha o mundo sendo um catador.”

“Eu fui com o grupo tirar o lixo da Paraisópolis. Eu nunca tinha entrado nesse bairro e foi legal, não só pela ação de limpar, como de conhecer outra parte da cidade. Com os sacos e luvas fomos pegando só os materiais recicláveis e tentando limpar. Não limpou tudo, mas ajudou bastante lá.”

Sinal verde para a cooperação

Muitas escolas do PEA estão atentas ao calendário da UNESCO e às possibilidades de ação. É o caso da década para as estradas seguras, que remetem a uma questão fundamental no Brasil: a segurança no trânsito.

Além de ser conteúdo obrigatório nos anos iniciais do Fundamental, a preocupação com o trânsito tem movimentado as escolas associadas. Centenas de alunos de todo o país conheceram a legislação de trânsito vigente, tornaram-se mais conscientes da importância da cooperação no trânsito, influenciando assim a comunidade, e praticaram boas maneiras e gentilezas enquanto pedestres ou passageiros, contribuindo para um trânsito menos agressivo e mais cooperativo.

Os problemas causados pelo excesso de veículos ultrapassam as fronteiras das grandes cidades. Todos sofrem com o aumento do número de acidentes por imprudência ou imperícia dos motoristas, falta de atenção dos pedestres e precariedade das malhas viárias.

A conscientização do pedestre impulsionou o projeto “Todo cuidado é pouco”, do Colégio Uirapuru, em que equipes da Urbes e do Corpo de Bombeiros orientaram os alunos da Educação Infantil sobre como estarem atentos ao trânsito. Nessa mesma linha, os alunos do Colégio Companhia de Maria distribuíram informativos às famílias sobre o uso correto da faixa de pedestres.

O entorno das escolas causa muita preocupação a toda a comunidade escolar. O projeto “Trânsito Legal”, da Escola Padre Eustáquio, trouxe à discussão as necessidades dos pais e alunos da escola, despertando a responsabilidade e o desenvolvimento da cidadania.

Cooperar no trânsito é papel de cada um e de todos ao mesmo tempo. Atitudes conscientes, responsáveis e de cooperação fizeram parte do movimento “Gentileza gera gentileza”, do Colégio CERMAC, onde os alunos perceberam que atitudes gentis podem não ser a solução, mas ajudam a amenizar este sério problema.



Com o PEA estampado no peito

Ser reconhecida como escola associada à UNESCO agrega valor e credibilidade às escolas do PEA. Isso é o que vem mostrando a experiência de algumas escolas associadas, como o Colégio Experimental Integrado, de São João da Boa Vista. Esta escola do interior paulista relata, por exemplo, que o fato de pertencer à UNESCO vem motivando pessoas de outras cidades e até mesmo as que chegam de outros países a procurar a escola.

Da mesma forma, a confiança e o reconhecimento da comunidade do trabalho desenvolvido pelas escolas associadas estão cada vez mais visíveis no Colégio Gato Xadrez/Conde Domingos, como registrou sua direção no relatório apresentado em 2012.

E não são apenas as escolas da rede particular que ganham visibilidade: a Escola Municipal Cora Coralina, de Mauá, que participa ativamente dos temas propostos, com o envolvimento de alunos e professores em todas as etapas do processo, vê seu trabalho reconheci-



do por toda a comunidade. Os projetos desenvolvidos pelas escolas associadas ao longo do ano, sempre ligados à cultura pela paz, ao desenvolvimento sustentável e à preservação do meio ambiente, são naturalmente discutidos e incorporados ao conteúdo pedagógico e apresentados à comunidade por meio de eventos nas próprias escolas e da interação com alunos.

1º Lugar no Concurso Internacional de Artes Plásticas da UNESCO

Rafaela Junqueira Spessotto, aluna do G5, do Colégio Experimental Integrado – Escola de Infância – PEA - UNESCO, em São João da Boa Vista, conquistou o 1º lugar no Concurso Internacional de Artes Plásticas da Unesco, “Graines d’artistes du monde entier - Sementes de artistas de todo o mundo”, que acontece anualmente no Centro Unesco Louis-François.

Neste ano de 2013, o tema foi “Nascido em algum lugar ...”. Rafaela representou muito criativamente esse tema e entre escolas de 140 países, seu trabalho foi o escolhido. No mês de julho, recebeu o prêmio em Paris, juntamente com seus pais.



Luzes, câmera, cooperação

“O cinema dotará o homem de um sentido novo. Ele escutará com os olhos... o tempo da imagem chegou!”. Assim, o cineasta francês Abel Gance saudou o início da sétima arte. Um século depois, essa linguagem vem se mostrando também um caminho interessante para aproximar a escola da realidade do adolescente.

O Festival Arroz e Feijão de Cinema Pitágoras é um exemplo disso. Partindo do tema “Cooperativas”, proposto pela UNESCO, os alunos do Ensino Médio tinham como missão elaborar curta-metragens, na forma de documentários, sobre os sindicatos e as cooperativas. O resultado foi um disputadíssimo show de cultura e arte, assistido por toda a comunidade. Na mesma linha, o Cinema Minuto



para alunos do 6º ano propunha filmes de animação, estendendo o tema para Energia Sustentável.

Partindo de reflexões, pesquisas e discussões sobre planeta sustentável, meio ambiente e

cooperativas, utilizando diversos tipos de ferramentas e materiais pedagógicos disponíveis para a construção de maquetes, experimentos, materiais em braile para deficientes visuais e chegando à formação de cooperativas para solucionar problemas da escola, o Colégio Pitágoras Cidade Jardim, de Belo Horizonte, conseguiu envolver todos os alunos e assim alcançar os objetivos traçados em seu projeto pedagógico.

O festival mostrou também que, mais do que espectador, o aluno desta geração quer ser participante ativo do processo, utilizando-se de todos os meios e recursos disponíveis. Internet, televisão, rádio, jornal e cinema são ferramentas que os alunos dominam e trazem a agilidade que esta geração tanto busca para tornar a escola motivadora.



Escolas mais que especiais

Desde sua criação, há mais de 50 anos, a UNESCO conseguiu voltar os olhos do planeta para a inclusão das pessoas deficientes. Não por acaso, entre as escolas do PEA estão instituições voltadas para o atendimento dessas crianças – que acompanham, como as outras, o calendário internacional. E por que seria diferente? Pois, em 2012, o trabalho cooperativo para o desenvolvimento da autonomia dos alunos com deficiências físicas e intelectuais fez parte da realidade diária das escolas de educação especial associadas e levou esta realidade para além dos muros das escolas.

O maior objetivo da Escola Nilza Tartuce, de Curitiba, é promover a inserção de seus alunos na sociedade, dentro de padrões de excelência. Para isso, projetos que visem a educação para o trabalho e para a geração de renda são essenciais.

Desenvolvidos com o apoio de grandes empresas, sindicato e universidade, os projetos “Pais e Filhos Po-



tencializando Geração de Renda” e “Projeto Mão com Mãos e Mães” trabalharam, além das técnicas do ofício, noções de nichos e ofertas do mercado. O primeiro capacitou os alunos e seus familiares para o ofício de padeiro ou auxiliar em panificação, enquanto os alunos e suas mães perceberam, no segundo projeto, o artesanato e a arte como possíveis fontes de renda.

A preocupação com as questões de sustentabilidade também foi discutida entre alunos, professores e familiares. Buscando soluções para a preservação do meio ambiente e da energia para as futuras gerações, a Escola Paulista, de São Bernardo do Campo, inseriu em todas as etapas do projeto pedagógico atividades que traziam à pauta questões importantes, porém com práticas simples, que puderam ser incorporadas ao cotidiano da comunidade escolar.



Jovem Empreendedor e Cooperativo



Desenvolver os projetos propostos pelas escolas, trabalhar os temas dos anos internacionais, discutir e vivenciar formas de melhorar a sociedade atual são práticas comuns aos alunos da rede PEA. Para fazer a diferença, algumas escolas estão investindo em projetos de empreendedorismo.

No Grupo Educacional Opet, de Curitiba, o Ensino Médio, sob orientação e supervisão de empresários voluntários, montaram a empresa ILUMILED, que produz luminárias de garrafas PET. Experimentando todo o processo de gestão de uma empresa, desde a abertura, criação do produto, desenvolvimento, até a prestação de contas aos investidores, os alunos foram convidados a defender o Brasil no JA of America, encontro de miniempresas da América Latina e Caribe.

Ao montar uma empresa de construção civil para o projeto PIC – cooperativismo empreendedor, os alunos da Escola Moppe, de Taubaté, vivenciaram também todo o processo, desde a concepção da empresa, do setor financeiro, de marketing, até os projetos de engenharia, com foco na preservação ambiental.

Curso de cooperativismo, constituição da cooperativa COOPSANTA e o lançamento do papel

semente fizeram parte de um trabalho de muita seriedade e envolvimento dos alunos de 7º ano ao Ensino Médio do Colégio Santa Catarina, de Novo Hamburgo. A ideia é que, após o uso, os cartões produzidos com o papel semente sejam plantados, iniciando uma caminhada em direção à sustentabilidade e à preservação do verde.

O trabalho empreendedor pode ser desenvolvido com os alunos desde muito pequenos. No Colégio Magnum de Belo Horizonte, alunos de 4 anos participam da Cooperbem – “Cooperativa do Bem”, cujo objetivo é doar, além de bens materiais, carinho, atenção e tempo para crianças carentes. A ONG Mirim SOS Terra, de alunos do 1º ano do Fundamental, desenvolveu o projeto “As cooperativas ajudam a construir um mundo melhor” em parceria com a Cooperativa de Vassouras dos Aposentados de Sabará, sobrepondo os objetivos coletivos aos individuais, a fim de modificar positivamente a comunidade.

Em comum, estas escolas, como tantas outras, enfatizam a parceria com a UNESCO, demonstrando a importância de difundir seus valores para toda a comunidade, contribuindo na construção de uma sociedade mais justa, com igualdade, dignidade e, principalmente, educação para todos.



Terra, água e energia: preservar para não faltar

O uso sustentável, a preservação e a conservação dos bens mais preciosos existentes no Planeta Terra são essenciais para a vida da geração atual e das futuras. Partindo destas reflexões, o Colégio Friburgo desenvolveu um projeto que trouxe à discussão temas importantes para o Desenvolvimento Sustentável.

Uma miniestação de tratamento de água foi resultado de um processo de pesquisa, experimentação e muita discussão sobre a importância da preservação e do uso consciente da água, apresentado pelos alunos na Feira de Ciências. Trabalhos de pesquisa sobre Energia Sustentável foram apresentados em congresso pelo professor orientador, recebendo muitos elogios e coroando o trabalho desenvolvido pela escola.

A participação efetiva de toda a comunidade escolar nos projetos propostos traz resultados surpreendentes e o planeta agradece.



Geração Digital e Solidária

Afirmar que as crianças desta geração já nascem entendendo tudo de tecnologia virou senso comum, mas os alunos da Organização Educacional Farias Brito descobriram que nem sempre é assim. O projeto Geração Digital, desenvolvido em parceria com escolas da rede pública de Fortaleza, atendeu quem tinha, até então, pouco contato com a educação tecnológica.

Trabalhando voluntariamente, alunos do 9º ano e Ensino Médio atuaram como monitores, sob a orientação da equipe pedagógica, ensinando as noções básicas de informática a alunos carentes, a fim

de aumentar a chance de ingresso dos atendidos no mercado de trabalho.

As trocas observadas durante o processo beneficiaram também os alunos voluntários e a equipe de informática educativa que acompanhou o projeto. Ter acesso a realidades diferentes das suas, entender e acompanhar o processo de ensino-aprendizagem de jovens da mesma idade foi uma experiência significativa para todos os envolvidos.

A parceria com escolas públicas, sempre presente nas ações da Farias Brito, segue uma tendência do PEA e contribui para o avanço da qualidade de educação no Brasil.

Para fazer um bom projeto

Para tornar-se um membro do PEA, e continuar fazendo parte da rede, as escolas devem compartilhar dos mesmos ideais defendidos pela UNESCO, representados por seus valores e princípios. Cada escola tem liberdade de decidir como será feito, desde que comunique à coordenação seus caminhos, por meio do pré-projeto e dos relatórios entregues anualmente. É a única exigência da UNESCO.

Planejar o que será feito, discutindo com a equipe todas as ações, determinando metas e propondo formas de avaliação são pontos essenciais para o sucesso do projeto. Veja aqui alguns passos importantes para criar um bom projeto.

1º passo

CONHEÇA BEM OS TEMAS PROPOSTOS

Um dos objetivos do Encontro Nacional é justamente o de ser um espaço de discussão sobre os temas propostos pela UNESCO.

Neste momento são discutidas as propostas de temas para o ano seguinte, com apresentação de especialistas no assunto, que indicam caminhos a serem seguidos e sugerem direções que a escola pode tomar. Além disso, é o lugar onde a troca de experiências e ideias com parceiros de todo o Brasil é possível.

Também é possível acompanhar o calendário da UNESCO pelo portal da rede internacional e ainda pelo site brasileiro.

2º passo

PLANEJE BEM

Antes do início do ano letivo, na época do planejamento das atividades pedagógicas, é o momento ideal para definir o que será trabalhado. Deve ser prevista cada ação, passando por todas as turmas, matérias e professores, prevendo também o envolvimento direto e

a apresentação dos resultados à comunidade. Determinado o tema, cada nível discute o que será feito, como e quando, além de formas de avaliar o trabalho durante todo o processo. É aqui que o pré-projeto a ser entregue ao PEA é desenhado e começa a tomar forma.

3º passo

BUSCA A INTERDISCIPLINARIDADE E A INOVAÇÃO

Escolas do PEA devem ser, por princípio, escolas inovadoras. Por isso, tenha entre seus objetivos o uso de recursos tecnológicos, a interdisciplinaridade e outras práticas pedagógicas que estimulem a comunidade a novas formas de aprendizagem e desenvolvimento de valores.

4º passo

QUALIDADE DO ENSINO

Entre os objetivos centrais para o PEA, em âmbito internacional, está a questão da qualidade de ensino. Isso deve estar contemplado, também, em seu projeto.

Por isso, busque estabelecer para as ações as expectativas de aprendizagem relacionadas ao trabalho, crie intersecções com as atividades de sala de aula e avalie seriamente as ações, do ponto de vista do que os alunos de fato aprenderam.

5º passo

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO E REGISTRO

Depois de tudo planejado e bem costurado, é hora de desenvolver, envolver e encantar os alunos e toda a comunidade com o trabalho a ser realizado.

Estabeleça etapas que permitam o acompanhamento contínuo das ações e busque envolver o maior

número de segmentos, bem como pais, professores e funcionários. Não se esqueça de registrar tudo com fotos, vídeos, num exercício de documentação pedagógica.

É essencial que o trabalho seja divulgado. Abrir a escola para apresentações dos alunos, para exposição dos resultados e para o envolvimento da comunidade local são formas de difundir os ideais que as escolas associadas se comprometem a defender.

6º passo

RELATÓRIO FINAL

Enquanto tudo acontece, já trabalhe sobre o relatório final a ser enviado ao PEA.

Uma boa dica é não deixar para escrevê-lo no final. Um bom relatório deve conter uma linguagem única, sem discursos diferentes ou desencontrados, e o segredo é tempo para fazê-lo. Quanto mais cedo for escrito, melhor será a construção, restando apenas alguns ajustes na hora da finalização.

7º passo

ATENÇÃO AO CALENDÁRIO

A entrega dos anteprojetos será feita, no início do ano letivo, sendo que o prazo final é março. O relatório anual, contendo o resultado das atividades desenvolvidas, sempre acompanhado de fotos, deve ser enviado até novembro.

Os dois documentos devem ser traduzidos para o inglês, espanhol ou francês e encaminhados à coordenação regional, que se responsabilizará pela entrega à coordenação nacional.

Modelos dos anteprojetos, relatórios, bem como calendário das atividades podem ser consultados e baixados no site: <http://www.peaunesco.com.br/default.htm>

“Elaborar projetos é uma forma de independência. É uma abordagem para explorar a criatividade humana, a mágica das ideias e o potencial das organizações. É dar vazão para a energia de um grupo, compartilhar a busca da evolução”

É BOM LEMBRAR

O PEA internacional estabeleceu quatro objetivos centrais e permanentes para o trabalho das escolas associadas: Desafios globais e o papel do Sistema das Nações Unidas, Educação para o Desenvolvimento Sustentável, Educação para a Paz e os Direitos Humanos e Aprendizagem Intercultural.

Escola de escolas

Imagine um colégio por onde passaram 4 ex-presidentes e outros tantos ministros, governadores, senadores, empresários e líderes; em que Manuel Bandeira deu aulas de Literatura Brasileira e Heitor Villa-Lobos ensinou música. Por onde passaram Joaquim Nabuco, Noel Rosa, Raimundo Corrêa, Dias Gomes, Cássia Eller e uma interminável lista de celebridades de ontem e de hoje, em todas as áreas do conhecimento. Esse colégio existe. Fica no Rio de Janeiro, tem 12,8 mil alunos e será o anfitrião do Encontro Nacional do Programa das Escolas Associadas à UNESCO 2013. Todos o conhecem: chama-se Pedro II.

Claro, todo educador já ouviu falar. Afinal, trata-se da mais antiga escola pública brasileira. Fundada em 1837, inaugurou, ainda que muito tardiamente, a preocupação do Estado brasileiro com a educação dos seus cidadãos.

E que educação. O Pedro II conquistou um lugar na história do Brasil não apenas pelo que representou, mas pela inquestionável preocupação com a qualidade que esteve sempre associada com sua

trajetória. Ah, dirão críticos: é um caso do passado, de um tempo em que a escola pública tinha qualidade. Nada mais falso. O Pedro II é um exemplo das grandes transformações pelas quais passou a educação pública brasileira – do tempo em que frequentar a escola era privilégio dos filhos da elite ao desafio contemporâneo da educação de qualidade para todos – e por isso se entenda *todos* mesmo.

Se era modelo naquele tempo, o Pedro II continua sendo um exemplo a ser seguido pela rede pública.

Com uma disposição de certa forma inesperada para seus 176 anos, o Pedro II vive um período de intensas transformações, sem recusar nenhum dos desafios que seu novo papel impõe. Basta andar pela escola e facilmente se verá que o Colégio não é mais para elites, mas se abriu ao desafio de educar crianças e jovens reais, de um país real, para um futuro que impõe o conhecimento como o enigma da esfinge. São alunos de todas as classes sociais, advindos de contextos culturais diversos, que colocam em xeque os paradigmas tradicionais da





educação. Mesmo assim, o Pedro II apresenta indicadores de sucesso, expressos no IDEB, que o coloca entre as melhores instituições de ensino do país.

Renovação permanente

A escola multiplica-se em muitas expansões, como se estivesse surgindo agora.

No plano físico, abre novas unidades, restaura instalações seculares, amplia laboratórios, cria anexos, reforma salas. No plano pedagógico, iniciou sua primeira turma de Educação Infantil – ao mesmo tempo em que inaugurou suas primeiras turmas de pós-graduação, exclusivas para professores da rede pública, em modelos inovadores. O Pedro II continua sendo um norte para a rede pública de ensino.

Para entender as transformações que vêm acontecendo nos últimos anos, é preciso ter em conta que o Pedro II é um caso único, sob diversos pontos de vista. Para que se tenha uma ideia, o Colégio está na própria Constituição Brasileira, por se tratar de uma autarquia federal autônoma – quando a educação brasileira básica é responsabilidade de Estados e Municípios.

Por depender de uma legislação que não acompanha a evolução dos tempos, a escola se vê periodicamente às voltas com a necessidade de mudanças que dependem de aprovação do Congresso Nacional.

Na década de 1980, por exemplo, foram necessárias mudanças que permitiram a criação do Ensino Fundamental I, que se chama Pedrinho (iniciado em 1984). Nesse período, também, teve início a ampliação. Hoje, o Pedro II está em 6 bairros e 2 municípios cariocas (Niterói e Duque de Caxias).

A última mudança de vulto aconteceu em 2011, quando o ministro da Educação era Fernando Haddad. O Governo Federal havia criado em 2008 os Institutos Federais de Educação para dar conta dos desafios da

educação técnica e tecnológica. Percebeu-se que era importante que o Pedro II fosse incorporado ao novo ordenamento jurídico.

Sensível às especificidades do Pedro II, o MEC então equiparou o Pedro II aos institutos, mas sem transformá-lo nesse modelo. A preparação do projeto e a passagem pelo Congresso fez com que isso fosse possível apenas em 2012, em uma alternativa jurídica que gerou questões administrativas ainda indefinidas. Basta ver que o Pedro II oferta Educação Infantil e Ensino Fundamental I, o que não acontece com os demais Institutos Federais.

Mas, no bojo do processo, o Pedro II deu início a uma série de iniciativas. Em 2012, abriu vagas de Educação Infantil, baseado no projeto Pró-Infância, do Governo Federal, e assim antecipando-se ao projeto de lei que torna obrigatório, até 2016, o atendimento escolar de crianças a partir de 4 anos de idade. “Como o Colégio já atende jovens em âmbito de EJA, agora atendemos pessoas de 4 a 80 anos”, brinca a reitora Vera Maria Ferreira Rodrigues.





Mas foi na pós-graduação que vieram os projetos de ponta. “Fomos estimulados pelo ministro, que achava que tínhamos de compartilhar nossa experiência pedagógica com as demais redes”, lembra a reitora.

Assim, em 2013 começou a funcionar a primeira turma de Mestrado Profissional, focado em práticas pedagógicas para professores de educação básica. “É para professores que efetivamente estão em sala de aula”, diz a reitora.

Ao mesmo tempo, foi iniciado um programa de especialização residência docente, também em âmbito de pós-graduação. Destinado a professores das redes públicas municipal e estadual com até 3 anos de formados, o programa de residência prevê mais de 500 horas de oficinas, palestras e reuniões. Os professores residentes apresentam trabalhos e têm vivências em cada um dos campus, assistindo às aulas dos professores do Pedro II, que são seus supervisores, e passando por diferentes setores, como biblioteca, administração e outros, para entender o funcionamento da escola. O programa começou com 60 professores; hoje são 140. Todos recebem bolsas da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que pensa em estender o projeto, que é piloto, para outras escolas de aplicação das universidades federais.

Com tudo isso, o Pedro II se orgulha de ser uma escola pública modelo, onde os bons resultados acadêmicos convivem com um projeto pedagógico diversificado, que valoriza a música, as artes e as múltiplas dimensões formativas.

Visitar essa instituição será, assim, um programa à parte para as escolas do PEA, que farão um mergulho na história e no futuro da educação pública brasileira, mirando os seus horizontes e também os seus reais desafios.

Raio x do Pedro II

Número de alunos: 12,8 mil, de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Educação de Jovens e Adultos e Pós-Graduação.

Número de professores efetivos: 900, sendo mais de 100 doutores e mais de 400 mestres.

Número de funcionários: 720

Número de Unidades (campus): 14





Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Escolas
Associadas da
UNESCO

2013

60 ANOS

1953

www.peaunesco.com.br

Representação da UNESCO no Brasil

SAS Quadra 5 - Bloco H - Lote 6
Ed. IBICT/UNESCO - 9º andar
CEP 70.070-914 - Brasília - DF - Brasil
Tel. (61) 2106 3500
FAX (61) 3322 4261

Coordenação do PEA -

Programa Escolas Associadas

Rua Duque Costa, 164
Jardim Marajoara - São Paulo - SP
CEP 04671-160 - Brasil
Tel. (11) 5685 1488
FAX (11) 5686 7084

PATROCÍNIO EXCLUSIVO



MODERNA